



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
(ESEFFEGO)
EDUCAÇÃO FÍSICA

LUANA CAROLYNE AGUIAR SILVA

**VOLEIBOL SENTADO RESSIGNIFICANDO O SENTIDO DA CORPOREIDADE E
NOVAS PERSPECTIVAS CORPORAIS:
Um estudo de caso**

GOIÂNIA

2023

LUANA CAROLYNE AGUIAR SILVA

**VOLEIBOL SENTADO RESSIGNIFICANDO O SENTIDO DA CORPOREIDADE E
NOVAS PERSPECTIVAS CORPORAIS:
Um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de monografia, como requisito parcial para integralização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob a orientação do(a) Professor(a): Me. André Luis dos Santos Seabra

GOIÂNIA

2023



LUANA CAROLYNE AGUIAR SILVA

**VOLEIBOL SENTADO RESSIGNIFICANDO O SENTIDO DA
CORPOREIDADE E NOVAS PERSPECTIVAS CORPORAIS:**
um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Goiânia, GO., 11 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a): Me. André Luís dos Santos Seabra
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Parecerista: Dr. Made Júnior Miranda
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Parecerista: Me. Abdiel Guedes Dourado
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para a conclusão deste trabalho. Este momento não teria sido possível sem o apoio incondicional de tantas pessoas incríveis.

Primeiramente, quero agradecer à minha mãe, que sempre foi meu alicerce. Ao meu querido avô, pelo apoio constante. Ao meu orientador, Me. André Luís dos Santos Seabra gostaria de expressar minha sincera gratidão. Sua orientação perspicaz, paciência e comprometimento foram fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho. Agradeço aos membros das bancas de qualificação e defesa, pela atenção e dedicação na leitura desse trabalho.

Aos meus colegas de sala, cuja companhia tornou essa jornada ainda mais especial, agradeço por compartilharmos risos, dúvidas e descobertas juntos. Cada um de vocês desempenhou um papel importante na minha jornada acadêmica.

Um agradecimento especial a dois amigos extraordinários, Ligia Soares e Paulo Henrique. Seu apoio constante, compreensão e incentivo foram fundamentais. Nos momentos de dúvida, foram suas palavras de encorajamento que me impulsionaram adiante. A jornada seria incompleta sem a amizade de vocês.

A todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho e para o meu crescimento pessoal e acadêmico, meu mais sincero obrigado.

SILVA, Luana Carolyne Aguiar. **Voleibol sentado ressignificando o sentido da corporeidade e novas perspectivas corporais:** um estudo de caso. Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária ESEFFEGO. Goiânia: 2023.

RESUMO

O presente estudo adota uma abordagem descritiva por meio de um estudo de caso, utilizando métodos qualitativos e fenomenológicos para compreender a corporeidade de uma mulher com deficiência, atualmente jogadora de vôlei sentado. Os descritores abordados incluem a evolução da inclusão, conceitos de deficiência, corporeidade, vôlei sentado e o significado do esporte no paradesporto, embasados em fontes científicas como *Scielo*, *Google Acadêmico* e *periódicos*. As discussões e resultados ressaltam a importância de compreender a formação da biografia do movimento e, conseqüentemente, a construção do corpo. Além disso, o estudo destaca a percepção de competência, evidenciando que o vôlei sentado não é apenas uma atividade esportiva, mas uma ferramenta de transformação que transcende limites físicos, impactando positivamente e ampliando a identidade pessoal. Além dos benefícios para a aptidão física, o esporte adaptado proporciona ganhos significativos de independência e autoconfiança nas atividades diárias.

Palavras-chave: deficiência física, corporeidade, paradesporto, vôlei sentado, educação física escolar.

SILVA, Luana Carolyne Aguiar. Sitting volleyball resignifying the sense of corporeality and new body perspectives: a case study. Monograph presented to the Physical Education Degree Course of the State University of Goiás – ESEFFEGO University Unit. Goiânia: 2023.

ABSTRACT (OU RESUMEN)

The present study adopts a descriptive approach through a case study, using qualitative and phenomenological methods to understand the corporeality of a woman with disabilities, currently a sitting volleyball player. The descriptors involved include the evolution of inclusion, concepts of disability, corporeality, sitting volleyball and the meaning of sport in parasports, based on scientific sources such as Scielo, Google Scholar and newspapers. The discussions and results highlight the importance of understanding the formation of the movement's biography and, consequently, the construction of the body. Furthermore, the study highlights the perception of competence, showing that sitting volleyball is not just a sporting activity, but a transformation tool that transcends physical limits, positively impacting and expanding personal identity. In addition to the benefits for physical transfer, the sport provided provides gains in independence and self-confidence in daily activities.

Keywords (ou Palabras clave): physical disability, corporeality, parasport, sitting volleyball, school Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
1.1 METODOLOGIA	4
2 HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	7
2.1 CONCEITOS DA DEFICIÊNCIA.....	10
2.2 PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA	12
2.3 A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	14
3 CORPOREIDADE - HISTÓRIA DO CORPO	16
3.1 CONCEITOS DA CORPOREIDADE	17
3.2 RELAÇÃO DA CORPOREIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA.....	18
4 VÔLEI SENTADO	20
4.1 REGRA DO VÔLEI SENTADO	21
4.2 CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE E O VÔLEI SENTADO	23
5 SENTIDO DO ESPORTE PARA O PARADESPORTO	24
5.1 FENOMENOLOGIA DA SUBJETIVIDADE.....	25
5.2 A BUSCA DO SENTIDO.....	27
6 CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE	29
6.1 CATEGORIA 1 - CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO.....	30
6.2 CATEGORIA 2 -CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E DEMAIS ESPAÇOS NÃO FORMAIS.....	31
6.3 CATEGORIA 3 - CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE A PARTIR DO VÔLEI SENTADO.....	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

A história da pessoa com deficiência é marcada por lutas por direitos, inclusão e reconhecimento de sua dignidade como ser humano. Desde os tempos mais remotos, essas pessoas têm enfrentado diversas barreiras, seja física, social ou emocional, para conquistar um espaço na sociedade e no mundo do esporte. A corporeidade, entendida como a relação entre o corpo, a mente e o meio ambiente, são conceitos fundamentais para entender a importância do esporte na vida das pessoas com deficiência.

Através do esporte, as pessoas com deficiência podem desenvolver habilidades físicas, psicológicas e sociais, que lhes permitem superar limitações e se integrar de forma plena na sociedade. A prática esportiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade e da corporeidade de um indivíduo. Uma possibilidade de prática esportiva para pessoas com deficiência é o vôlei sentado que surge como uma modalidade que promove a inclusão, proporcionando oportunidades de superação e redefinição do corpo.

No que diz respeito ao vôlei sentado, ele é originário da Holanda, e é uma adaptação do voleibol olímpico, que permite a participação de pessoas com diferentes tipos de deficiência física, incluindo amputados, lesados medulares e paralisados cerebrais. O vôlei sentado se diferencia do voleibol olímpico por suas regras adaptadas, como a altura da rede, o tamanho da quadra e a forma de jogar. No entanto, o esporte mantém os mesmos princípios e valores do voleibol olímpico, como o trabalho em equipe, a competitividade e a busca pela excelência.

Sendo assim, o interesse por esse tema, foi um minicurso: voleibol sentado, que participei, foi ministrado pelo professor José Guedes, no seminário nacional visibilidade do esporte e atleta Paralímpico do Brasil, realizado no dia 14 de dezembro de 2019. Foi onde conheci esse esporte, na prática tive o privilégio de jogar com as atletas e ter uma experiência única. Deste modo o presente trabalho busca explorar a importância do vôlei sentado como esporte para pessoas com deficiência e como a corporeidade pode ser compreendida e aplicada neste contexto, e ainda, tem como objetivo analisar a constituição da corporeidade de uma mulher com deficiência, atualmente jogadora de vôlei sentado. E por fim, contribuir para solucionar o problema em questão acerca da construção da corporeidade e a influência do vôlei sentado na resignificação do corpo no meio social.

1.1 METODOLOGIA

Este estudo se constitui por uma pesquisa de caráter descritiva através de um estudo de caso, pelo viés qualitativo e método fenomenológico.

A pesquisa de caráter descritiva é um tipo de pesquisa que tem como objetivo principal descrever características, comportamentos, atitudes, opiniões ou fenômenos existentes em uma determinada população ou contexto. Ela se concentra em coletar informações detalhadas e precisas para fornecer uma representação fiel da realidade observada. Segundo Gil (1994), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Vale frisar que:

Entre as pesquisas descritivas, salienta-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc.(Gil, 2010 *apud* Nunes, Nascimento e Luz, p. 27-28, 2016)

Na pesquisa descritiva realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. A finalidade é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos.

Já o estudo de caso é uma abordagem de pesquisa que investiga a fundo um fenômeno específico, como um indivíduo, um grupo, uma organização ou um evento, dentro de seu contexto real. Ele envolve uma análise detalhada e aprofundada do objeto de estudo, geralmente usando múltiplas fontes de dados, como entrevistas, observações e documentos. Podem-se destacar três pressupostos básicos que devem ser levados em conta ao se optar pelo uso do estudo de caso qualitativo: 1) o conhecimento está em constante processo de construção; 2) o caso envolve uma multiplicidade de dimensões; e 3) a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas. (Peres e Santos, 2005, *apud* André, 2013)

“Stake 1994, p. 236, explica que o que caracteriza o estudo de caso qualitativo não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: “Estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado”, diz ele. O conhecimento gerado pelo estudo de caso é diferente do de outros tipos de pesquisa porque é mais concreto, mais contextualizado e mais voltado para a interpretação do leitor. (*apud* André, 2013)”

Abordagem a ser utilizada é a pesquisa qualitativa que busca compreender e interpretar fenômenos sociais, culturais, comportamentais e subjetivos, enfatizando a qualidade e o significado dos dados coletados. Ela se baseia em métodos de coleta de dados como entrevistas, observação participante, análise de documentos e análise de conteúdo, permitindo uma exploração aprofundada dos fenômenos estudados. “A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (Minayo, 2014. *apud* Vernaglia. 2020).

Essa pesquisa ainda se identifica como método fenomenológico que de acordo com Husserl (2006) envolve suspender os juízos prévios e as suposições teóricas para se concentrar diretamente na experiência em si. Isso significa dirigir a atenção para os detalhes e aspectos da experiência, enquanto se deixa de lado os conceitos, categorias ou teorias preexistentes. O objetivo é descrever as essências das experiências, ou seja, as características fundamentais que as constituem.

Destacamos que o objeto de estudo é uma mulher, de meia idade, que pratica o vôlei sentado e tem deficiência física. Os primeiros contatos já foram feitos onde se inseriu de modo genuíno no campo de pesquisa, tendo assim grande afinidade com o ambiente do estudo. O procedimento de coleta de dados será por meio de uma conversa orientada, ou seja, uma entrevista semiestruturada buscando compreender a história de vida da mesma.

Para Manzini (1990/1991) a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Visto que, essa temática ainda se apresenta pouco estudada, o presente trabalho visa agregar ao campo das pesquisas, através desse caso em específico, tornar cada vez mais relevante a realidade da inclusão no Brasil, conhecer a vida e a prática do esporte por uma pessoa com deficiência bem como a compreensão do vôlei sentado e sua influência para a atleta do caso em análise, e então, pretende-se alcançar os resultados através da metodologia aqui descrita.

Sendo assim, no primeiro capítulo destacaremos a importância de compreender a evolução da inclusão e dos direitos das pessoas com deficiência ao longo da história. E explicaremos o conceito da deficiência onde vamos mencionar os diferentes modelos: o modelo médico e modelo social.

Com isso, apresentar as características e os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência física, como limitações de mobilidade e acessibilidade e destacar a importância de incluir pessoas com deficiência física na educação escolar, promovendo a participação e a igualdade de oportunidades. No segundo capítulo, no que diz respeito à corporeidade, vamos trazer a história do corpo e seu conceito, bem como a sua relação com deficiência física na sociedade. No terceiro capítulo apresentaremos o vôlei sentado, uma modalidade esportiva adaptada para pessoas com deficiência física, suas regras básicas e benefícios. E ainda, como se dá a construção da corporeidade a partir do vôlei sentado, discutindo aspectos físicos, psicológicos e sociais envolvidos na prática desse esporte. No quarto capítulo, abordaremos o significado do esporte no contexto do paradesporto, adotando a perspectiva fenomenológica como uma busca pela compreensão da subjetividade humana e pela exploração do sentido. Finalmente, no quinto capítulo, apresentarei meus resultados, discorrendo sobre o conceito de corporeidade em conjunto com as categorias emergentes da minha entrevista semiestruturada.

2 HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A história da pessoa com deficiência é rica e complexa, abrangendo séculos de discriminação, lutas por direitos e progresso na inclusão social. Neste capítulo, vamos explorar um pouco dessa história e destacar alguns autores importantes que contribuíram para o entendimento e a defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Em muitas culturas antigas, as pessoas com deficiência eram frequentemente consideradas um fardo ou uma maldição divina. Algumas sociedades acreditavam que as pessoas com deficiência eram possuídas por espíritos malignos e as isolavam ou as sacrificavam em rituais religiosos.

No Antigo Egito, os médicos acreditavam que as doenças graves e as deficiências físicas ou os problemas mentais graves eram provocados por maus espíritos, por demônios ou por pecados de vidas anteriores que deviam ser pagos. Dessa maneira, os deficientes não podiam serebelados a não ser pela intervenção dos deuses, ou pelo poder divino que era passado aos médicos-sacerdotes, especializados nos chamados “Livros Sagrados” sobre doenças e suas curas. Estes se preparavam durante anos para o exercício dessa função e se tornavam qualificados em medicina com competência para prestar atenção médica a pessoas que apresentavam indícios de males graves ou de deficiências físicas e mentais, fossem elas consequentes de malformações congênitas, acidentes ou infortúnios das guerras. Entretanto, apenas os membros da nobreza, os sacerdotes, os guerreiros e seus familiares tinham o privilégio de ser assistidos pelos sacerdotes. (Silva, 1987, p. 79. *apud* Pereira e Saraiva, 2017, p. 170 – 171)

Os estudos mostram que no Antigo Egito os deficientes podiam ser encontrados em diferentes classes sociais, desde os faraós e nobres até os escravos. No entanto, em outras culturas antigas, como os hebreus, a deficiência física ou intelectual era vista como um sinal de impureza ou pecado. Por exemplo, Moisés em seu livro Levítico determinou que aqueles com cegueira, corcunda, pé torcido etc., não poderiam se aproximar do Ministério. Segundo Rosa (2007), essa passagem no Levítico mostra que a aparência física era o principal fator para a exclusão das pessoas com deficiência.

Tanto entre os hebreus quanto entre os gregos, a deficiência era vista como consequência de pecados ou crimes cometidos, bem como de acidentes, agressões e punições previstas em lei. As deficiências físicas eram também marcas da própria escravidão, como orelhas ou narizes cortados, dedos ou mãos decepadas e olhos vazados. Para os gregos, o corpo belo e forte era um sinal de saúde e força necessárias para a conquista de novas terras, enquanto os doentes e as crianças eram marginalizados ou até mesmo eliminados. (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

O Renascimento, um período marcado por grandes descobertas na Medicina, filosofia humanista e direitos dos homens perante a sociedade, não conseguiu romper com os preconceitos contra as pessoas com deficiência física. Embora tenham começado a ser dados os primeiros passos no atendimento a essas pessoas, ainda persistiam crenças em bruxas, fadas maldosas e duendes demoníacos influenciando os portadores de retardo mental profundo. Apenas a partir do século XIX a sociedade começou a reconhecer sua responsabilidade para com as pessoas com deficiência e a adotar medidas de assistência e proteção para os grupos marginalizados. (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

No entanto, ao longo da história, houve também muitos exemplos de pessoas com deficiência que foram valorizadas e respeitadas por suas habilidades e talentos. Por exemplo, no Império Romano, os gladiadores com deficiência eram frequentemente admirados por sua coragem e determinação. Durante a Idade Média, as pessoas com deficiência eram muitas vezes marginalizadas e consideradas inúteis. (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

No entanto, algumas ordens religiosas, como os franciscanos, começaram a fornecer cuidados e assistência para pessoas com deficiência. No século XVIII, houve um aumento no interesse em estudar e entender as deficiências. Os médicos começaram a desenvolver técnicas para tratar e reabilitar as pessoas com deficiência. No século XIX, as primeiras escolas para crianças com deficiência foram criadas, e as primeiras leis que protegiam as pessoas com deficiência foram promulgadas.

Foi somente no final do século XIX que surgiram movimentos de defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Um dos pioneiros nessa área foi o francês Louis Braille, que inventou o sistema de leitura e escrita para pessoas cegas. Aos 3 anos, ele perfurou um olho enquanto brincava na oficina do pai. Aos 5 anos, ficou completamente cego, em decorrência de uma infecção que surgiu após o acidente e atingiu o outro olho. Mesmo convivendo com a cegueira, Louis era um estudante exemplar: decorava e recitava as lições que ouvia, confundindo seus professores com sua inteligência brilhante. Apesar de sua deficiência visual, Louis Braille se destacou na escola e aos dezesseis anos, começou a desenvolver o sistema Braille, que permitia que pessoas cegas lessem e escrevessem com as pontas dos dedos. Ele baseou seu sistema em um código militar desenvolvido pelo capitão Charles Barbier, que permitia que mensagens fossem transmitidas à noite sem iluminação, usando pontos em relevo em vez de letras. (Barbosa; Guedes; Sofiato; Cardoso. 2022)

Braille trabalhou incansavelmente para melhorar seu sistema, adicionando novos símbolos e refinando a representação de letras, números e sinais de pontuação. Em 1829, ele publicou um livro sobre seu sistema Braille, que rapidamente se tornou popular entre pessoas cegas em toda a França e, mais tarde, em todo o mundo. A vida de Louis Braille foi marcada pela determinação e pelo compromisso com a educação e a independência das pessoas cegas. Mesmo diante de adversidades, ele nunca desistiu de seus sonhos e continuou trabalhando para aprimorar seu sistema de escrita, que mais tarde se tornou uma ferramenta crucial para a educação e a independência das pessoas cegas em todo o mundo. Esta invenção é considerada um marco na história dos deficientes visuais, e Sousa também mencionam:

[...] Louis Braille estava pronto a apresentar ao mundo o seu próprio método de leitura e escrita, em que a simplicidade aparente de uma célula básica de seis pontos justapostos exibia a complexidade de um genial arranjo lógico-matemático, a expandir-se em um alfabeto completo, permitindo aos cegos do mundo inteiro, independência, autonomia e liberdade no ato de ler e de escrever (Sousa, 2004, p. 41. *apud* Barbosa; Guedes; Sofiato; Cardoso, 2022, p. 3).

No século XX, muitos avanços foram alcançados em relação aos direitos das pessoas com deficiência. Um marco importante foi a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Organização das Nações Unidas em 1975. Essa declaração reconheceu o direito das pessoas com deficiência à igualdade de oportunidades, à liberdade de movimento e à participação plena na sociedade. Como é referenciado na Declaração dos Direitos das Pessoas deficientes. Resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 09/12/75. Alguns dos direitos dessa declaração:

1 - O termo "pessoas deficientes" refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais.

2 - As pessoas deficientes gozarão de todos os direitos estabelecidos a seguir nesta Declaração. Estes direitos serão garantidos a todas as pessoas deficientes sem nenhuma exceção e sem qualquer distinção ou discriminação com base em raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem social ou nacional, estado de saúde, nascimento ou qualquer outra situação que diga respeito ao próprio deficiente ou a sua família.

3 - As pessoas deficientes têm o direito inerente de respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade, o que implica, antes de tudo, o direito de desfrutar de uma vida decente, tão normal e plena quanto possível. (ONU, 1975)

No Brasil, ao longo do tempo, as pessoas com deficiência tiveram uma experiência histórica caracterizada por momentos de eliminação e exclusão, bem como por tentativas de integração parcial por meio de serviços especializados. Nas últimas décadas, houve uma série de batalhas que contribuíram para a mudança de paradigmas e a transformação da maneira como a sociedade enxerga e vivencia questões relacionadas a esse grupo. A partir dos anos 1980, houve um aumento na promulgação de decretos e leis específicas para pessoas com deficiência, reconhecendo que elas poderiam ser incluídas em diversos contextos sociais, como escolas, locais de trabalho, atividades de lazer, tanto privados quanto públicos. Ficou evidente que essas pessoas não precisavam ser protegidas ou restritas apenas ao convívio familiar ou a instituições especializadas (Figueira, 2008 apud Miguel, 2022).

Sobretudo, a trajetória histórica de segregação e invisibilidade das pessoas com deficiência começou a mudar quando a ONU declarou o ano de 1981 como o Ano Internacional da Pessoa Deficiente (AIPD). A partir desse momento, coletivos de pessoas com deficiência, mais conscientes de seus direitos, passaram a se organizar politicamente e conquistaram avanços significativos nos anos seguintes (Figueira, 2008 apud Miguel, 2022).

O Brasil é um país onde os problemas sociais vêm sendo redimensionados através de programas e incentivos de políticas públicas de inclusão e reparo às violações dos direitos humanos. Ainda o preconceito e as disparidades sociais contribuem para o declínio do cenário humanístico, cultural, político e econômico. Os direitos humanos podem mudar essa realidade, e a educação é o principal viés para essa transformação, por meio da dignidade da pessoa humana. (Brasil, 2013, p. 44 apud Rodrigues; Lima, 2017). Lembramos ainda que:

Percorrendo os períodos da história universal, desde os mais remotos tempos, evidenciam-se teorias e práticas sociais segregadoras, inclusive quanto o acesso ao saber. Poucos podiam participar dos espaços sociais nos quais se transmitiam e se criavam conhecimentos. A pedagogia da exclusão tem origens remotas, condizentes com o modo como estão sendo construídas as condições de existência da humanidade em determinado momento histórico. (Brasil, 2004, p. 322 apud Rodrigues, Lima, 2017).

Graças às suas lutas, atualmente têm direitos garantidos que devem ser respeitados, incluindo o direito à educação.

2.1 CONCEITOS DA DEFICIÊNCIA

Vários estudiosos têm examinado a trajetória que revela o significado da deficiência ao longo do processo histórico (Amaral, 1995; Mazzota, 1996; Paixão, 1996 apud Silva, 2006). Ao longo do tempo, foram atribuídas diferentes interpretações à deficiência, variando desde ser considerada um sinal de forças ocultas da natureza até ser encarada como uma fatalidade orgânica que afeta os indivíduos, levando em conta as necessidades emergentes que surgem na relação entre as pessoas e o ambiente. Estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, como paleontologia, arqueologia, sociologia e história, revelam que ao longo da história da civilização, as atitudes predominantes em relação a esses indivíduos têm sido de abandono, exclusão, rejeição, discriminação ou preconceito.

A forma como a deficiência é vista varia de acordo com a época, cultura, contexto histórico e social. Pode-se definir deficiência como uma limitação física, intelectual ou sensorial que pode afetar o desempenho de uma pessoa em atividades diárias. A deficiência pode ser congênita ou adquirida. Algumas das limitações mais comuns incluem dificuldades de locomoção, visão, audição, fala, cognição e emocionais. É importante ressaltar que a deficiência não está necessariamente ligada à incapacidade. Muitas pessoas com deficiência são capazes de realizar as mesmas tarefas que as pessoas sem deficiência, embora possam precisar de recursos ou suportes adicionais para fazê-lo.

O conceito de deficiência tem evoluído ao longo do tempo, passando de uma perspectiva médica para uma perspectiva social. A perspectiva médica enfatizava as limitações da pessoa com deficiência, considerando a deficiência como uma condição patológica ou anormalidade. A deficiência era vista como um problema individual que precisava ser corrigido ou tratado. Isso resultou em estigmas e preconceitos contra as pessoas com deficiência, muitas vezes impedindo sua plena participação na sociedade. Segundo essa concepção, a deficiência seria a consequência lógica e natural do corpo com lesão, adquirida inicialmente por meio de uma doença, sendo uma como consequência desta. A deficiência seria em si a incapacidade física, e tal condição levaria os indivíduos a uma série de desvantagens sociais. O principal documento que cristaliza a conceituação e a dinâmica envolvida entre os conceitos do Modelo Médico é intitulado Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens: um manual de classificação das consequências das doenças (CIDID).

Elaborado como parte complementar da Classificação Internacional de Doenças (CID) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com o propósito de classificar as condições crônicas de saúde decorrentes de doenças, a CIDID datada originalmente em 1976 oferece suas próprias concepções de

deficiência, incapacidade e desvantagem (disability, impairment e handicap, nos termos originais). (França, 2013, p. 60)

A perspectiva social, por outro lado, reconhece que as barreiras sociais e ambientais são muitas vezes responsáveis pela exclusão e marginalização das pessoas com deficiência. A deficiência é vista como uma questão de direitos humanos, e as pessoas com deficiência são reconhecidas como sujeitos de direitos, com o direito à igualdade de oportunidades, à não discriminação, à acessibilidade, à educação, à saúde, à habitação, ao trabalho, entre outros. Essa mudança na perspectiva sobre a deficiência teve um impacto significativo na forma como as pessoas com deficiência são tratadas e como são vistas pela sociedade em geral. A perspectiva social destaca a importância de remover as barreiras sociais e ambientais que impedem a participação plena das pessoas com deficiência na sociedade. Upias, 1976 mencionam que:

As principais premissas que acompanham essa definição de deficiência postulam que: a deficiência é uma situação, algo que sistematicamente acontece durante a interação social; a deficiência deve ser erradicada; as pessoas com deficiência devem assumir o controle de suas próprias vidas; os profissionais e especialistas que trabalham com a questão devem estar comprometidos com o ideal da independência. Portanto, o Modelo Social é um instrumento essencialmente político para a interpretação da realidade com fins de transformação social (Upias, 1976 apud França 2013, p. 62)

Essa concepção de deficiência, que a enxerga como uma maneira de viver forçada sobre pessoas com lesões corporais específicas, caracterizada principalmente pela exclusão e opressão que elas enfrentam, é conhecida como Modelo Social da Deficiência. Aparecendo junto com essa abordagem, também temos o oposto, chamado de Modelo Médico da Deficiência, que justifica a opressão das pessoas com deficiência.

2.2 PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

A deficiência física é uma condição que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Ela pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo doenças, lesões e condições congênitas. A deficiência física pode afetar a mobilidade, a coordenação motora, a força muscular, a sensibilidade tátil, entre outros aspectos. O Decreto nº 3.298 (Brasil, 1999), em seu art. 4º, considera:

Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia,

hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Ao longo da história, as pessoas com incapacidades físicas têm procurado princípios éticos para reiterar seus direitos fundamentais, que são intrínsecos à natureza humana. Esse processo tem sido uma luta constante pela afirmação da identidade e pela defesa da plena integração dos direitos. Ainda hoje, há desafios relacionados à autodeterminação desses direitos por parte das pessoas com deficiência física. Essas palavras estão desconectadas do contexto social diário, que continua a ser altamente discriminatório. Nesse contexto, a batalha é para manter e preservar os direitos conquistados, sem retroceder.

Aceitar suas características distintas implica em preservar sua própria identidade, é avançar e desenvolver-se como sujeito. No caso das pessoas com deficiência, esse aspecto é ainda mais crucial, pois está diretamente relacionado à sua inclusão social e empoderamento. De acordo com Green (2009 *apud* Rodrigues, 2019), o empoderamento pode ser compreendido como uma abordagem que se baseia nas reais possibilidades que a pessoa tem de direcionar suas influências para alcançar os objetivos desejados em sua vida. Trata-se da busca das pessoas com deficiência para combater a vulnerabilidade imposta pela sociedade, buscando desenvolver recursos que as auxiliem a superar e lidar com situações estressantes que possam impedir seu progresso.

Além disso, é fundamental promover a inclusão e proporcionar igualdade de oportunidades às pessoas com deficiência física. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2006, reforça a importância de garantir a participação plena e efetiva dessas pessoas na sociedade. Isso envolve a remoção de barreiras físicas, a promoção da acessibilidade e a mudança de atitudes para garantir a inclusão e a valorização da pessoa com deficiência física.

A integração da pessoa com deficiência nos planos nacionais deve ser uma prioridade para eliminar sua marginalização. Dentro do contexto de igualdade social, levando em consideração que a inclusão social pode ter impactos econômicos significativos, uma sociedade inclusiva assume a responsabilidade não apenas pelas pessoas com deficiência, mas por todas as minorias. Isso implica em aumentar o número de cidadãos produtivos e conscientes de seus direitos e responsabilidades, reduzindo assim os custos sociais envolvidos. (Maciel, 2000 *apud* Rodrigues, 2019)

Aceitar as particularidades individuais da pessoa é necessário para uma formação humana da sociedade. No caso das pessoas com deficiência, esse aspecto assume uma importância ainda maior, pois está diretamente ligado à sua inclusão na sociedade e ao fortalecimento de sua posição. Segundo as ideias de Green (2009 apud Rodrigues, 2019), o fortalecimento pode ser entendido como uma abordagem que se baseia nas reais capacidades da pessoa para influenciar e alcançar os objetivos desejados em sua vida. Trata-se da luta das pessoas com deficiência para enfrentar a vulnerabilidade imposta pela sociedade, buscando desenvolver recursos que as ajudem a superar e lidar com situações desafiadoras que possam dificultar seu progresso.

É essencial que a sociedade reconheça o valor e a capacidade das pessoas com deficiência física, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades. Ao fazer isso, estaremos construindo um mundo mais justo, onde todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas, possam brilhar e alcançar seu pleno potencial.

2.3 A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física Escolar é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos estudantes. No entanto, nem sempre ela é acessível a todos os alunos, especialmente àqueles com deficiência ou limitações físicas. Para garantir a inclusão de todos os estudantes, existem leis e normas que orientam a prática da Educação Física Escolar.

A primeira delas é a Lei nº 9.394: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece o direito de todos os alunos à Educação Física, independentemente de suas limitações ou deficiências. Além disso, a LDB também reconhece a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar dos estudantes. Outra lei importante é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que determina a obrigação das escolas de promover a inclusão dos estudantes com deficiência. Isso inclui a oferta de adaptações e recursos necessários para que esses alunos possam participar plenamente das aulas de Educação Física. Além das leis, existem também normas técnicas que orientam a prática da Educação Física Inclusivas, como a Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Essas normas estabelecem critérios e orientações para a adaptação de espaços e equipamentos, bem como para a inclusão social e educacional.

Para garantir a inclusão na Educação Física Escolar, é importante que os professores estejam preparados e capacitados para lidar com a diversidade de seus alunos. Eles precisam estar familiarizados com as necessidades individuais e habilidades de cada aluno, além de estarem prontos para fornecer adaptações e recursos, garantindo assim que todos possam participar integralmente das aulas.

Entre as estratégias para inclusão na Educação Física Escolar estão a adaptação de atividades e materiais, a utilização de tecnologias assistivas, a oferta de recursos humanos, como assistentes e mediadores, e a promoção de atividades que valorizem as diferenças e as possibilidades de cada aluno. Para Dutra (2008, p. 28):

[...] a educação inclusiva constitui um paradigma fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis e supera o modelo de equidade formal, passando a incidir para eliminar as circunstâncias históricas da produção e exclusão dentro e fora da escola.

Esses princípios fundamentais devem resultar em mudanças nas leis, conceitos e, conseqüentemente, nas práticas educacionais e de gestão. Essas mudanças devem levar à reestruturação dos sistemas de ensino, garantindo a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas condições. A educação inclusiva é um processo que busca ampliar a participação de todos os estudantes nas escolas regulares. Isso implica em uma reestruturação da cultura, das práticas e das políticas nas escolas, de modo a atender à diversidade de alunos, incluindo aqueles com deficiência. Essa abordagem é baseada em valores humanísticos e democráticos, reconhecendo a individualidade de cada aluno. Seus objetivos são o crescimento, a realização pessoal e a inclusão social de todos. (Rodrigues; Maranhe, 2010 apud Rodrigues, Capellini, Santos, 2014)

3 CORPOREIDADE - HISTÓRIA DO CORPO

A corporeidade é um conceito que se refere à existência física do ser humano, isto é, à sua dimensão corporal. Essa dimensão é fundamental para a compreensão da história do corpo, que se refere à forma como o corpo humano foi percebido e valorizado ao longo do tempo. Na Antiguidade, por exemplo, o corpo era considerado um elemento sagrado, e o culto ao corpo era uma prática muito valorizada. Os gregos, por exemplo, criaram competições esportivas que valorizavam a forma física e a beleza do corpo humano, como os Jogos Olímpicos.

Sócrates, Platão e Aristóteles, apesar de não compartilharem das mesmas concepções sobre homem e mundo, tinham em comum a crença nas dicotomias: corpo e alma, corpo e mente. Apesar da cultura grega experimentar outras maneiras de expressão do corpo, como por exemplo, o corpo em sua totalidade nas artes e nos esportes, foi a dicotomia presente entre seus pensadores que passou pela história, atingindo desde Santo Agostinho e São Tomás de Aquino (perspectiva cristã) até Descartes (filosofia renascentista). É a dicotomia platônica que fornece os princípios norteadores de nossa sociedade contemporânea. (Monteiro, 2009. p, 9)

Já na Idade Média, o corpo passou a ser visto como algo pecaminoso, e a sua nudez era vista como algo imoral. A igreja cristã, por exemplo, pregava que o corpo devia ser subjugado em prol da alma, e por isso era comum a prática da autoflagelação.

“Nesse período era compreensível que a população obedecesse e seguisse, sem questionar, as normas e ordens da Igreja, uma vez que quase todos os eventos da época estavam sob o domínio daquela Instituição. Além de controlar a vida pública, a Igreja também se colocava como representante de Deus na terra (CAMBI, 1999) e, conseqüentemente, como a detentora do direito de dizer quem subiria aos céus após a morte e quem deveria ser punido em virtude de comportamentos inadequados. (Monteiro, 2009. p, 14)”

Com o Renascimento, no entanto, houve uma mudança na forma como o corpo era visto. A arte passou a valorizar a beleza e a harmonia do corpo humano, e surgiram grandes obras de arte que retratavam o corpo de forma realista e detalhada. Com o surgimento da ciência moderna, o corpo passou a ser visto como um objeto de estudo e de experimentação. O estudo da anatomia, por exemplo, foi um dos grandes avanços da medicina na época.

Também é um período marcado por grandes criações artísticas que revelam a valorização das formas corporais, a busca pela beleza e pela perfeição; também é possível identificar o aumento do interesse pelo corpo, estudado inclusive pela medicina através da dissecação de cadáveres (Aranha, 2006. *apud* Monteiro, 2009. p, 16).”

Já no século XIX, o corpo foi visto como uma máquina, e a saúde passaram a ser vista como resultado de um bom funcionamento dessa máquina. Com o surgimento da indústria e do capitalismo, o corpo humano passou a ser visto como um recurso produtivo, e a sua eficiência física era valorizada em detrimento de outros aspectos.

Nesse período, considerado por alguns historiadores como Idade Contemporânea, revela-se uma nova concepção de mundo e de homem (Braunstein; Pépin, 1999), valorizando-o como ser racional, senhor de seus atos e de suas ideias. É nesse período que se firma o ideal de corpo disseminado pela escola, um corpo dicotomizado, manipulado e fragmentado, um corpo que consome produtos e serviços e, conseqüentemente, passa a ser também um corpo-objeto, corpo-produto e um corpo-consumidor. (Monteiro, 2009. p, 26).

Na contemporaneidade, a questão do corpo passou a ser cada vez mais complexa, e surgiram diversas correntes que valorizam a diversidade corporal. O movimento feminista, por exemplo, valoriza a diversidade de corpos femininos, e busca combater a pressão estética que leva as mulheres a se submeterem a padrões de beleza inatingíveis. Já o movimento LGBT valoriza a diversidade de corpos e identidades de gênero, e busca combater a homofobia e a transfobia. Em resumo, a história do corpo mostra que a percepção e a valorização do corpo humano mudaram ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais, culturais e econômicas de cada época. Hoje, a diversidade corporal é valorizada, e o corpo é visto como uma dimensão fundamental da identidade pessoal e coletiva.

3.1 CONCEITOS DA CORPOREIDADE

A corporeidade é um conceito que se refere à dimensão física e psicológica do ser humano, ou seja, ao corpo enquanto objeto e sujeito da experiência humana. Esse conceito é utilizado em diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, a medicina, a educação física, a sociologia, entre outras. (Comim; Amorin, 2008)

A corporeidade não se limita apenas à anatomia e fisiologia do corpo humano, mas também inclui a percepção, a imagem e a expressão corporal, a sexualidade, a saúde, a cultura e as relações sociais e afetivas que envolvem o corpo. Dessa forma, a corporeidade pode ser vista como uma dimensão integrada e interdependente da experiência humana, que influencia e é influenciada pelo meio social e cultural em que o indivíduo está inserido. Desta maneira:

O conceito de corporalidade tem sido aplicado na antropologia social e em investigações de abordagem histórico cultural desde Marcel Mauss quando trata das técnicas corporais e como em De Oliveira; M; De Oliveira, Luciane; Vaz, (2008, p. 304) que destacam a corporalidade, entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural. (Soares; Kaneko; Gleyse 2015. p.72)

Compreender a corporeidade é fundamental para promover a saúde e o bem-estar físico e emocional das pessoas, além de contribuir para a valorização da diversidade corporal e para a construção de uma cultura mais inclusiva e respeitosa.

3.2 RELAÇÃO DA CORPORIEDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

A relação entre corporeidade e pessoa com deficiência física é complexa e multifacetada. A corporeidade refere-se à experiência e percepção do próprio corpo, envolvendo aspectos físicos, emocionais e sociais. Para uma pessoa com deficiência física, a corporeidade é influenciada por sua condição específica e como ela se relaciona com o mundo ao seu redor.

(Grosz,1994 apud Silva, 2013). Defende que o corpo é simultaneamente objeto para os outros e uma realidade viva para o sujeito, o “ser-no-mundo”, porém, ele nunca é simplesmente um ou outro. Para a pessoa, o corpo é o meio e a condição pela qual ela age e é afetada pelos objetos, o instrumento pelo qual recebe informação e conhecimento e dá sentido a eles. E ao mesmo tempo é um objeto que pode ser visto e percebido.

É necessário que o corpo tenha a liberdade de agir de forma autônoma e estabelecer conexões com os outros, em um contexto de igualdade de direitos, incluindo a liberdade de movimento, de sentir e de agir. O corpo deve ser encorajado a resistir à objetificação e à mecanização, expressando-se de maneira criativa e significativa por meio de experiências construtivas. “[...] é a partir do corpo que surgem e se espalham os significados que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o centro da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência se molda pela aparência singular de um ator.” (Le breton, 2006, p. 7, apud Meller; Tesche, 2007)

A percepção da corporalidade pode variar dependendo do tipo e do grau de deficiência, bem como da maneira como a pessoa adquiriu a deficiência (desde o nascimento, por lesão ou por doença adquirida). Além disso, fatores psicológicos, como autoestima,

aceitação do corpo e adaptação às limitações, também desempenham um papel importante na relação entre a corporalidade e a pessoa com deficiência.

Portanto, é crucial considerar a pessoa com deficiência como um ser integral, que possui uma corporalidade única e que tem direito à autonomia, dignidade e respeito. A promoção da inclusão social e da acessibilidade são medidas essenciais para garantir que a pessoa com deficiência possa vivenciar sua corporalidade de maneira plena e satisfatória.

Compreendendo a importância da abordagem integral da pessoa com deficiência, é fundamental explorar o papel do esporte nesse contexto. A prática esportiva desempenha um papel significativo na promoção da autonomia, autoestima e integração social das pessoas com deficiência, proporcionando uma experiência única de expressão corporal.

A prática esportiva oferece uma oportunidade altamente eficaz para melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Conforme destacado por Melo e López (2002 apud Cardoso; Palma; Zanella, 2010), essa prática representa uma chance valiosa para que essas pessoas testem seus limites e explorem suas potencialidades. Além disso, contribui para a prevenção de enfermidades secundárias relacionadas à deficiência, promovendo, assim, a integração social do indivíduo. Desta maneira, a inclusão social e a acessibilidade no âmbito esportivo emergem como elementos-chave para assegurar que cada pessoa com deficiência tenha a oportunidade de explorar seu potencial físico e emocional de maneira inclusiva e respeitosa.

4 VÔLEI SENTADO

O voleibol sentado é um esporte paralímpico desenvolvido para pessoas que não podem praticar o voleibol olímpico. Ele é baseado no voleibol olímpico, mas com algumas modificações. O voleibol sentado foi apresentado como jogo de exibição nas Paraolimpíadas de Toronto em 1976 e, em 1978, foi oficialmente reconhecido como esporte paralímpico pela Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD). Em 1980, o voleibol sentado fez sua estreia nos Jogos Paraolímpicos em Arnhem, nos Países Baixos. A partir de 1993, os campeonatos mundiais foram organizados para ambos os sexos. Inicialmente, o voleibol sentado era dividido em duas categorias, com jogadores sentados ou em pé (usando próteses e equipamentos), até os Jogos Paraolímpicos de Sydney, em 2000. A partir dos Jogos Paraolímpicos de Atenas em 2004, ficou estabelecido que a competição seria realizada apenas na categoria sentado e incluiria, pela primeira vez, a participação de equipes femininas. “No Brasil, sua história foi iniciada em 2002, quando o professor Ronaldo Gonçalves de Oliveira, organizou um torneio oficial em Mogi das Cruzes, São Paulo. No ano seguinte, foi criada a Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico (ABVP)” (Saraiva; Pereira, 2017. p. 6 – 7).

Os autores Carvalho, Gorla e Araújo enfatizam que no âmbito competitivo, dos esportes adaptados são regidos por sistemas de classificação com o objetivo de estabelecer competições as mais justas possíveis e de evitar a ocorrência de possíveis lesões. Denominada de classificação funcional, nesta avaliação do voleibol sentado há uma combinação da avaliação médica com a análise das habilidades do atleta no esporte em questão. De acordo com o CPB,² a classificação funcional divide os atletas do voleibol em amputados e lesautres.

As amputações são divididas em nove classes:

- Classe A1 = ambos os membros inferiores são amputados acima ou através da articulação do joelho (Duplo AK-Above Knee);
- Classe A2 = um dos membros inferiores é amputado acima ou através da articulação do joelho (AK Simples);
- Classe A3 = ambos os membros inferiores são amputados abaixo do joelho, mas acima ou através da articulação tálus-calcâneo (Duplo BKBelow Knee);
- Classe A4 = um dos membros inferiores é amputado abaixo do joelho, mas acima ou através da articulação tálus-calcâneo (BK Simples);

- Classe A5 = ambos os membros superiores são amputados acima ou através da articulação do cotovelo (Duplo AE-Above Elbow);
- Classe A6 = um dos membros superiores é amputado acima ou através da articulação do cotovelo (AE Simples);
- Classe A7 = ambos os membros inferiores são amputados abaixo do cotovelo, mas acima ou através da articulação pulso (Duplo BE-Below Elbow);
- Classe A8 = um dos membros superiores é amputado abaixo do cotovelo, mas acima ou através da articulação do pulso (BE Simples);
- Classe A9 = atletas com amputações de membro superior e inferior.

Os Lês Autres incluem atletas que enfrentam diferentes desafios de locomoção, diferentes de amputações, como pessoas com lesões na medula espinhal, sequelas da poliomielite, distrofia muscular, artrite reumatoide juvenil, esclerose múltipla e paralisia cerebral. Essa categoria também engloba atletas com incapacidades mínimas, como amputação de dedos, mãos ou um dos pés. Além disso, pessoas com membros superiores encurtados, paresia ou paralisia nos membros superiores, luxação do quadril, alterações nas articulações dos membros inferiores ou superiores e grave déficit de circulação nos membros inferiores também são consideradas nessa categoria. (Carvalho; Gorla; Araújo, 2013)

4.1 REGRA DO VÔLEI SENTADO

As regras do vôlei sentado são semelhantes às do vôlei olímpico, mas com algumas diferenças importantes. Os jogadores sentam-se no chão com as pernas estendidas em frente ao corpo e usam as mãos e os braços para movimentar a bola. As principais regras são:

1. Equipe: Cada equipe é composta por seis jogadores em quadra, podendo ter até seis reservas, divididos por uma rede de altura diferente e em uma quadra menor do que na versão olímpica da modalidade.

2. Quadra: A quadra mede 10m de comprimento por 6m de largura. A altura da rede é de 1,15m no masculino e 1,05m no feminino. É permitido bloqueio de saque, mas os jogadores devem manter o contato com o solo o tempo todo, exceto em deslocamentos.

3. Jogadores: Todos os jogadores devem estar sentados durante o jogo. Eles devem estar em contato constante com o chão, exceto durante o momento do saque, quando podem deixar o chão com uma das nádegas.

4. Toques: Cada equipe tem direito a três toques para enviar a bola para o campo adversário. O bloqueio não conta como um toque. Se um jogador bloquear a bola, sua equipe ainda tem direito a três toques para enviá-la de volta para o campo adversário.

5. Saque: O saque pode ser feito com uma das mãos, com o jogador sentado e em contato com o chão. O jogador deve lançar a bola para cima e golpeá-la com uma mão para enviar a bola ao campo adversário.

6. Pontuação: O sistema de pontuação é o mesmo do voleibol olímpico. Cada set é disputado até 25 pontos, com exceção do quinto set (se houver), que é disputado até 15 pontos. A equipe precisa vencer o set por pelo menos dois pontos de diferença.

7. Substituições: É permitido fazer 6 substituições em cada set, além das trocas com o líbero, que são ilimitadas.

Essas são as principais regras do voleibol sentado. É importante lembrar que pode haver algumas variações dependendo da competição ou organização específica.

Os jogadores podem usar calças compridas, não sendo obrigatório que elas ou os shorts tenham o número do jogador. No entanto, é proibido o uso de equipamentos ortopédicos ou qualquer material espesso sob os glúteos. A posição dos jogadores em quadra é determinada pela posição de suas nádegas, e eles recebem uma numeração de acordo com a WOVD, sendo "1" (jogador da linha de trás, à direita), "2" (jogador da linha de frente, à direita), "3" (jogador da linha de frente, no centro), "4" (Jogador da linha de frente, na esquerda), "5" (Jogador da linha de trás, na esquerda) ou "6" (Jogador da linha de trás, no centro). Cada jogador deve permanecer em sua posição até a realização do saque, após eles podem se deslocar por toda a quadra. Ganhando-se um ponto, a equipe realiza um rodízio, giro no sentido horário, e o jogador da posição número 1 sacará. (Carvalho; Gorla; Araújo, 2013).

Carvalho, Gorla e Araújo (2013), apresenta que cada jogador deve permanecer na sua posição até que ocorra o saque, após o qual eles têm permissão para mover-se por toda a quadra. Quando um ponto é ganho, a equipe realiza uma rotação no sentido horário, e o jogador na posição número 1 será responsável pelo saque. Uma das diferenças mais significativas em relação ao voleibol olímpico é que no voleibol sentado é permitido bloquear

o saque do adversário. Permite também uma pequena perda de contato do glúteo com a quadra quando a bola estiver mais alta que o topo da rede, exceto no saque, bloqueio e ataque. Os jogadores da linha de trás podem atacar desde que suas nádegas não ultrapassem a linha de ataque.

Os jogadores na linha de trás podem realizar ataques desde que suas nádegas não ultrapassem a linha de ataque. As faltas cometidas durante o jogo são penalizadas da mesma forma que no voleibol olímpico. Alguns novos critérios foram adotados, como o "Toque Apoiado" uma falta quando um jogador se apoia em outro jogador ou em alguma estrutura para tocar na bola dentro de sua área de jogo e o "Lifting" falta quando há perda de contato entre uma parte do corpo do jogador situada entre os ombros e as nádegas e o solo quando ele toca a bola. (Carvalho; Gorla; Araújo, 2013)

4.2 CONSTRUÇÃO DA CORPORAIDADE E O VÔLEI SENTADO

A construção da corporeidade no vôlei sentado é um processo complexo que envolve a interação entre o corpo, a mente e o ambiente esportivo. Ao praticar essa modalidade esportiva adaptada, os atletas desenvolvem uma nova percepção e consciência corporal, adaptando-se às demandas específicas do jogo sentado. Essa construção da corporeidade é influenciada por diversos fatores, incluindo as experiências individuais dos jogadores e as estratégias de treinamento implementadas.

Segundo Marcel Mauss (2003), antropólogo francês, o corpo é um fenômeno social e culturalmente construído. Em sua obra "As técnicas do corpo", Mauss argumenta que as atividades físicas e esportivas são fundamentais para a construção da corporeidade, pois moldam o corpo de acordo com as práticas culturais de uma sociedade. No contexto do vôlei sentado, essa construção da corporeidade envolve a adaptação às regras e técnicas específicas desse esporte, bem como a incorporação de estratégias de movimento e posicionamento adequadas.

Outro autor relevante nesse tema é Pierre Bourdieu, sociólogo francês. Bourdieu propõe o conceito de habitus, que se refere ao conjunto de disposições incorporadas e internalizadas pelos indivíduos ao longo de suas experiências sociais. No caso do vôlei sentado, os atletas desenvolvem um habitus específico, que envolve a internalização das regras, estratégias táticas e habilidades motoras necessárias para jogar nessa modalidade adaptada.

Além disso, a construção da corporeidade no vôlei sentado é influenciada pela interação entre o indivíduo e o ambiente esportivo. De acordo com Merleau-Ponty, filósofo fenomenológico, o corpo e a percepção são inseparáveis, e a experiência corporal ocorre em relação direta com o mundo ao nosso redor. No contexto do vôlei sentado, os jogadores interagem com a quadra, a bola, os adversários e os companheiros de equipe, desenvolvendo uma percepção sensorial e espacial altamente refinada. Portanto, a construção da corporeidade no vôlei sentado é um processo multidimensional que envolve a interação entre o corpo, a mente e o ambiente esportivo. (apud Daolio; Rigoni; Roble, 2012)

5 SENTIDO DO ESPORTE PARA O PARADESPORTO

O sentido do esporte para o paradesporto é profundo e impactante, transcendendo as barreiras físicas e promovendo uma jornada de superação, inclusão e conquistas significativas. Para os praticantes de esportes para pessoa com deficiência, o significado vai muito além da atividade física, tornando-se uma ferramenta vital para a construção da autoestima, o desenvolvimento de habilidades e a criação de uma comunidade unida.

Além dos benefícios físicos, o paradesporto oferece um contexto único para o desenvolvimento de habilidades e valores. A prática regular não apenas aprimora as habilidades esportivas específicas, mas também promove valores como disciplina, determinação, resiliência e trabalho em equipe. Essas habilidades transcendem o campo esportivo, influenciando positivamente outras áreas da vida cotidiana.

Segundo Gorgatti (2005 apud, Grubano, 2014), o esporte adaptado não apenas contribui para a melhoria geral da aptidão física, mas também desempenha um papel significativo no aumento da independência e autoconfiança para a execução das atividades diárias, promovendo, adicionalmente, aprimoros no autoconceito e na autoestima.

Ao longo do tempo, o estudo sobre esporte adaptado tem adquirido novos propósitos em suas aplicações, conforme explicado por Gorgatti (2008):

O esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico delas e logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Atualmente mais do que terapia o esporte para esta população caminha para o alto rendimento e o nível técnico dos atletas impressiona cada vez mais o público e os estudiosos da área de Educação Física. (p.532 apud Grubano, 2014).

A crescente atenção à participação em diversas atividades tem proporcionado às pessoas com deficiência a oportunidade de vivenciar sensações e movimentos que, frequentemente, são obstaculizados por barreiras físicas, ambientais e sociais. Entre essas atividades, o esporte se destaca, sendo frequentemente recomendado desde as fases iniciais do processo de reabilitação. (Labronici, 2000 apud Grubano, 2014)

. Contudo, a trajetória do esporte de alto rendimento nem sempre conduz aos mesmos benefícios mencionados. Com frequência, testemunhamos experiências esportivas desastrosas do ponto de vista existencial, frequentemente marcadas por vivências negativas, carência de apoio, ausência de estrutura afetiva para acompanhar os atletas, além de uma série de fatores políticos, sociais, econômicos e psicológicos. Essa negatividade muitas vezes surge devido à falta de compreensão aprofundada por parte dos próprios atletas em relação às suas vivências e, em muitos casos, pela completa ignorância das pessoas envolvidas no meio esportivo em relação às experiências subjetivas dos atletas.

5.1 FENOMENOLOGIA DA SUBJETIVIDADE

A Fenomenologia, enquanto abordagem de pesquisa, tem abordado eficientemente a exploração de uma compreensão mais subjetiva. Ela respeita a singularidade do sujeito em suas manifestações existenciais, considerando o modo como vivem e as relações que permeiam suas experiências.

A corrente filosófica conhecida como fenomenologia foi inaugurada por Edmund Husserl (1859 – 1938) e tem como objetivo atingir um rigor radical no conhecimento por meio de um movimento original de ideias e um método próprio. Seu fundador buscou estabelecer uma atitude filosófica que fosse capaz de descrever minuciosamente o mundo conforme ele se apresenta à consciência. Essa abordagem considera a consciência como a síntese de todos os atos psíquicos ou vivências intencionais, explorando todos os seus aspectos, com o propósito de alcançar uma fundamentação radical da filosofia (Zilles, 2008 apud Gomes, 2021).

Para Gomes (2021), Husserl define a fenomenologia não apenas como uma ciência, por ser uma interconexão de disciplinas científicas, mas também como um método e uma atitude intelectual especificamente filosóficos (Husserl, 2008a). Essa definição vai além

de representar simplesmente uma área específica de conhecimento ou campo de investigação; ela abrange uma postura em relação ao mundo e à tradição filosófica. Essa postura desafia a filosofia a estabelecer novos pontos de partida para suas investigações, permitindo que se distinga da abordagem da ciência natural.

O conhecimento é uma coisa distinta do objeto do conhecimento, o conhecimento está dado, mas o objeto cognoscitivo não está dado; e, no entanto, o conhecimento deve referir-se ao objeto, tem de o conhecer. Como posso eu entender esta possibilidade? A resposta, naturalmente, soa assim: só poderia compreendê-la se a própria referência houvesse de se dar como algo susceptível de se ver²⁷ (Husserl, 1989, p. 63 *apud* Costa, 2014).

A Fenomenologia, assim, abraça a compreensão do ser humano em sua totalidade, reconhecendo que todos os seus atos, ações, sentimentos, afetos, sonhos, entre outros elementos, são moldados por suas experiências. Em outras palavras, o ser humano é influenciado pelo mundo que o cerca, ao mesmo tempo em que exerce influência sobre esse mesmo mundo.

Conforme expresso por Forghieri (1993), ser-no-mundo é a estrutura essencial da humanidade. Ele afirma que "para sabermos quem somos, precisamos, de certo modo, saber onde estamos, pois a identidade de cada um de nós está implicada nos acontecimentos que vivenciamos no mundo" (Forghieri, 1993, p.27). Isso indica que a essência do ser humano está intrinsecamente ligada ao ato de ser e estar em relação a algo ou alguém. (Epiphany; Silva; Batist; Aquino, 2017, p. 79)

Nessa perspectiva, a subjetividade é considerada como o ponto de partida para a compreensão da realidade. Ela abrange os aspectos pessoais, emocionais, perceptivos e interpretativos da experiência individual. A fenomenologia da subjetividade busca descrever como a subjetividade se manifesta na consciência, examinando os fenômenos tal como são vivenciados pelo sujeito, sem impor categorias preestabelecidas.

Segundo Caminha (2012, *apud* Gomes, 2021), o ser humano, enquanto corpo, possui a capacidade de interagir com o mundo por meio de ações intencionais. É somente a partir dessas interações que ele constrói uma identidade, um Eu, utilizado para organizar suas experiências percepto-motoras no jogo contínuo entre conquistas e desafios no mundo. O autor destaca que esse Eu, desenvolvido no contato com o mundo, não pode ser tratado como uma entidade material, tampouco como uma realidade ou substância imaterial. Pelo contrário, é um fluxo contínuo de significados que emerge dos movimentos e comportamentos do ser no contexto do mundo.

A subjetividade se constitui a partir da maneira como meu corpo se situa no mundo por meio dos movimentos. O corpo faz do mundo um meio de comportamentos em que os gestos se manifestam em um campo que é, ao mesmo tempo, motor e perceptivo. As atitudes de se orientar em direção ao mundo pela motricidade de nosso corpo nos revelam uma forma de intencionalidade inadequada ao modelo de uma representação clara e distinta do “eu”. A motricidade que nos permite uma interação imediata com o mundo nos revela a gênese instauradora da subjetividade. (Caminha, 2012, p. 45, apud Gomes, 2021).

Essa abordagem reconhece que a realidade é construída a partir da perspectiva única de cada indivíduo, e a compreensão da subjetividade é essencial para uma análise profunda das experiências humanas. Portanto, a fenomenologia da subjetividade procura explorar as estruturas e processos subjacentes à forma como os indivíduos percebem, interpretam e atribuem significado ao mundo ao seu redor.

5.2 A BUSCA DO SENTIDO

A busca do sentido, intrínseca à experiência humana, representa uma jornada profunda em direção ao significado, propósito e compreensão em nossas vidas. Essa exploração abrangente engloba diversas dimensões, desde questionamentos fundamentais sobre a existência até a busca por um propósito pessoal mais profundo.

Em outras palavras, o sentido da vida é aquilo pelo qual sacrificamos a nossa vida. O homem não escolhe o sentido de sua vida, ele o descobre (Frankl, 2011). É aquela responsabilidade que assumimos em nossa existência, que nos leva a abdicar de todos os nossos desejos e anseios. Para Frankl o sentido da vida é a chave que nos liberta da prisão de nosso egoísmo e nos concede a oportunidade de tornarmos aquilo que deveríamos ser. Frankl afirma que o sentido da vida se consolida por meio da realização de valores, que existem em três categorias: valores criadores, valores vivenciais e valores de atitude. (Epiphany; Silva; Batista; Aquino, 2017, pg 80)

A indagação sobre o significado da existência frequentemente inaugura essa jornada, levantando questões sobre o propósito mais amplo da vida e o papel individual no universo. No âmbito pessoal, a busca do sentido se conecta à descoberta do propósito individual, envolvendo a identificação de paixões, talentos e valores, direcionando esses elementos para contribuições significativas para si mesmo e para outros.

Portanto, a busca do sentido é uma jornada singular e em constante evolução, moldada por experiências, valores e aspirações pessoais. Representa um processo dinâmico que se estende ao longo da vida, oferecendo oportunidades constantes de descoberta, crescimento e renovação.

6. CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE

A construção da corporeidade refere-se ao desenvolvimento e percepção do corpo como um aspecto integral da identidade de uma pessoa. Esse processo envolve a interação complexa entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

A corporeidade não se limita apenas à anatomia e fisiologia do corpo humano, mas também inclui a percepção, a imagem e a expressão corporal, a sexualidade, a saúde, a cultura e as relações sociais e afetivas que envolvem o corpo. Dessa forma, a corporeidade pode ser vista como uma dimensão integrada e interdependente da experiência humana, que influencia e é influenciada pelo meio social e cultural em que o indivíduo está inserido. Desta maneira:

O conceito de corporalidade tem sido aplicado na antropologia social e em investigações de abordagem histórico cultural desde Marcel Mauss quando trata das técnicas corporais e como em De Oliveira; M; De Oliveira, Luciane; Vaz, (2008, p. 304) que destacam a corporalidade, entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural. (Soares; Kaneko; Gleyse 2015. p.72)

Compreender a corporeidade é fundamental para promover a saúde e o bem-estar físico e emocional das pessoas, além de contribuir para a valorização da diversidade corporal e para a construção de uma cultura mais inclusiva e respeitosa.

6.1 CATEGORIA 1 - CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

A figura central desta pesquisa é uma mulher de 32 anos, natural de Anápolis, Goiás. Desde a infância, ela enfrenta a hemiplegia, uma condição que afeta um lado do corpo, apresentando desafios significativos. A hemiplegia limita os movimentos motores e, em muitos casos, exige abordagens terapêuticas personalizadas para otimizar a funcionalidade.

A hemiplegia pode se manifestar em crianças como uma das possíveis sequelas de paralisia cerebral, meningites e doenças infecciosas. Em adultos, ela geralmente é causada por

acidente vascular cerebral (AVC), resultando em paralisia e enfraquecimento de um dos lados do corpo. O tratamento é crucial e deve ser iniciado o mais rápido possível, envolvendo fisioterapia e adaptações no ambiente e produtos para aprimorar a qualidade de vida do indivíduo. (Massoco; Lucinio; Santos, 2013).

De acordo com O'Sullivan (2004 Apud, Massoco; Lucinio; Santos, 2013), a hemiplegia é definida como uma seqüela neurológica caracterizada por paralisia em um hemicorpo (uma das metades do corpo) devido a uma doença neurovascular com consequências e comprometimentos em vários níveis de acordo com a área atingida, levando a limitações funcionais e incapacidades contralaterais ao hemisfério lesado, causando alterações de tônus (contração mínima de um músculo em repouso), coordenação e equilíbrio.

Desde seus primeiros anos, ela enfrentou diversos obstáculos na escola, mas contou com o apoio constante e incondicional de seus pais, que desempenharam um papel vital em sua jornada. Apesar de sua natureza tímida, essa mulher sempre demonstrou destemor ao experimentar coisas novas e superar desafios. Sua trajetória educacional culminou na conquista do diploma em fisioterapia, um feito notável que reflete não apenas seu intelecto, mas também sua resiliência diante das adversidades. Profissionalmente, ela encontrou uma vocação em auxiliar outros na superação de desafios físicos, aproveitando sua experiência pessoal para inspirar e apoiar pacientes.

No âmbito esportivo, que inicialmente não despertava seu interesse, tudo mudou com a descoberta do vôlei sentado. Essa modalidade se transformou em uma verdadeira paixão, proporcionando não apenas uma forma de atividade física, mas também um meio de expressar sua determinação e habilidades atléticas.

Esta mulher inspiradora personifica a força, a resiliência e a capacidade de descobrir paixões inesperadas mesmo em face de desafios significativos. Sua história é um testemunho não apenas de superação individual, mas também de como o apoio familiar e a coragem pessoal podem moldar uma jornada notável.

A seguir as seções 6.2 e 6.3 tratarão das duas categorias centrais de análises deste estudo, relativas à construção da corporeidade, inicialmente apresentaremos nossas análises em forma textual e em seguida o leitor encontrará a entrevista transcrita que nos serviu enquanto ponto de partida para o debate científico a luz do método fenomenológico.

6.2 CATEGORIA 2 - CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E DEMAIS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Com base nas informações fornecidas durante a entrevista, é possível identificar aspectos fundamentais na construção da corporeidade de uma pessoa com deficiência ao longo de sua jornada educacional e além dela.

O processo de desenvolvimento da corporeidade para a entrevistada foi complexo, sendo fortemente moldado por suas experiências ao longo da vida. Desde a infância, observou-se que ela não manifestava interesse natural por atividades físicas convencionais, destacando-se como uma criança mais reservada, cujo contato principal com o movimento se dava por meio da fisioterapia. Embora inicialmente encarada como uma obrigação, a fisioterapia desempenhou um papel crucial na formação de sua relação com o próprio corpo.

O corpo, independentemente de classificações ou rótulos, é singular e intrínseco em sua essência. Dotado de sensibilidades, necessidades, vontades e desejos, exige oportunidades para comunicar-se e interagir com os outros, em qualquer contexto. Porto (2002), ao discorrer sobre a corporeidade, destaca que o corpo é sensação e ação simultaneamente, formando uma unidade presente no mundo.

[...] a relação com o mundo se dá pelo/no corpo que surge do/no ser. Corpo que é sensação e ação ao mesmo tempo, constituindo uma unidade que é e está presente no mundo. Sou corpo, sou instrumento do mundo e pelas minhas ações me expesso como ser-no-mundo. Ser corpo deficiente não significa ser corpo ausente; ser corpo deficiente é ser corpo como outro ser qualquer (p. 31).

Nesse sentido, corpos com deficiência muitas vezes demandam cuidados especiais e tratamentos, enfatizando a importância da reabilitação. Essa abordagem busca recuperar e restabelecer os indivíduos deficientes, abrangendo diversos aspectos de suas vidas. A reabilitação engloba prevenção, reconhecimento precoce e programas de assistência, visando aumentar a independência e autonomia social. Isso contribui significativamente para melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos no processo (Porto; Simões; Correa, 2004).

No tocante ao conceito de reabilitação, também percebemos esta mesma tendência. De acordo como o Ministério da Saúde (1993):

“A reabilitação, enquanto processo, diz respeito ao desenvolvimento das capacidades adaptativas do indivíduo nas diferentes fases de sua vida (...) Implica no desenvolvimento ótimo da pessoa com deficiência, nos seus aspectos funcionais, físicos, psíquicos, educacionais, sociais, profissionais e

ocupacionais (...) A reabilitação, enquanto serviço, é um conjunto de atenção à saúde e, portanto, um componente imprescindível da promoção, prevenção e assistência às pessoas, na manutenção de sua saúde e bem estar, bem como de sua família e comunidade (...) é um processo de duração limitada, desenvolvido por equipes interprofissionais de saúde (...) através de ações de diferentes níveis de complexidade. Tem por finalidade que a pessoa deficiente alcance um grau físico, mental, funcional e/ou social ótimo, facilitando o alcance de metas e objetivos de vida estabelecidos por ela naquele momento de sua vida. Os meios para alcançar tal objetivo implicam em medidas que procurem compensar perdas e limitações de funções e outras que buscam facilitar ajustes e reajustes sociais. Assim, as intervenções devem se dar no nível do indivíduo, sua família, comunidade próxima e sociedade em geral” (Brasil, 1993, p. 15)

A evolução da relação da entrevistada com o próprio corpo foi influenciada pela disciplina no tratamento fisioterapêutico, sendo os pais cruciais na cobrança e incentivo aos exercícios em casa. A transição da infância para a adolescência trouxe desafios relacionados à deficiência, mas a fase adulta proporcionou autoconhecimento e aceitação.

No âmbito escolar, durante as aulas de Educação Física, a falta de preparo dos profissionais em lidar com a deficiência da entrevistada resultou em desafios. A ausência de uma abordagem inclusiva destacou a importância de compreender as necessidades individuais dos alunos, especialmente aqueles com deficiência.

E podemos observar que há uma educação que promulga uma falsa inclusão, desde o seu mecanismo de acesso até a permanência do indivíduo em um meio escolar de qualidade, esse modelo de democratização do ensino não pode ser confundido com a inclusão da pessoa com deficiência física ou intelectual, porque se justifica a perda de excelência e se dá em função da presença de um ou outro sujeito com características que se destacam socialmente no grupo. (Chicon, 2011; Rodrigues, 2011 apud Mendes, 2013)

A adaptação à deficiência na escola, muitas vezes mal interpretada pelos colegas e professores, evidenciou a necessidade de estratégias personalizadas. A busca por alternativas, como a realização de trabalhos escritos para obter nota em Educação Física, destaca a importância de proporcionar formas flexíveis de participação, reconhecendo a diversidade de habilidades e limitações.

Enfrentando brincadeiras de mau gosto e preconceitos, a determinação da entrevistada em se envolver no vôlei sentado demonstra resiliência e superação. A falta de experiência prévia em esportes tradicionais ressalta a importância do vôlei sentado como uma

oportunidade de descoberta e engajamento em uma prática esportiva alinhada às suas aspirações e interesses.

Em suma, a construção de escolas inclusivas que valorizem a diversidade requer a crença nas potencialidades dos estudantes da Educação Especial. Acreditando em suas capacidades, podemos promover seu desenvolvimento, tornando-os indivíduos autônomos e produtivos (Rodrigues; Leite, 2010 apud Rodrigues; Capellini; Santos, 2014).

Dessa forma, a trajetória da entrevistada revela desafios, superações e destaca a importância crucial da fisioterapia como ferramenta essencial na promoção do desenvolvimento físico e emocional. O vôlei sentado não é apenas uma atividade esportiva, mas também um meio de expressão, autoafirmação e empoderamento, enriquecendo de maneira significativa sua jornada única.

ENTREVISTA TRANSCRITA

Realizada em 17 e 19 de Novembro de 2023

Obs: Houve interrupção na entrevista por alguns imprevistos.

Identificação: W.G.R.S

32 anos

1. Durante sua infância, quais atividades físicas, como dança, jogos, brincadeiras, ou ginástica, você costumava praticar? Como essas experiências influenciaram sua relação com seu corpo?

Eu nunca gostei muito de atividades físicas, nunca me encaixei muito bem nelas. Sempre fui uma criança mais quieta, gostava muito de leitura e TV, então a única atividade que eu realmente fazia com mais frequência e por obrigação era na fisioterapia e sem pensar muito nessa influência sobre o meu corpo.

2. Poderia compartilhar sua experiência na aula de educação física durante a infância ou adolescência? Houve momentos desafiadores ou positivos? Como isso impactou sua autoimagem e seu interesse pelo esporte?

As aulas de Educação Física nunca despertaram em mim nenhum tipo de interesse esportivo. Eu acredito que os profissionais da época não estavam bem preparados para lidar com a minha deficiência ou até mesmo não me enxergavam como PCD. E, dessa forma, eles não compreendiam as minhas dificuldades em relação às atividades que normalmente eram praticadas durante as aulas.

3. Como você lidou com a sua deficiência na escola, em particular, durante as aulas de educação física? Você se sentiu apoiada pelos seus colegas e professores?

Acho que, da maneira deles e com a falta de experiência em lidar com a pessoa com deficiência, eles, de certa forma, acreditavam que estavam me apoiando. E para a obtenção de nota em Educação Física, em alguns momentos do meu período escolar, eu fazia trabalhos escritos.

4. A medida que você crescia, como sua relação com seu corpo evoluiu da infância para a adolescência e, posteriormente, para a idade adulta?

Como eu disse na questão 1, eu sempre fui uma criança mais quieta, né?

Então, eu não tive muita essa questão de brincadeira de rua, de me relacionar com outras crianças durante a infância fora do ambiente escolar.

A minha evolução física tá completamente voltada à disciplina durante o tratamento fisioterapêutico e os meus pais me cobravam bastante a manutenção dos exercícios em casa.

É claro que eu passei por fases de insegurança relacionada à minha deficiência, principalmente na transição de infância para adolescência, até chegar na fase adulta e com ela o autoconhecimento sobre quem e como eu sou.

5. Você enfrentou desafios ou preconceitos relacionados à sua deficiência ao longo de sua jornada? Como isso impactou sua determinação de se envolver no vôlei sentado?

Brincadeiras e piadinhas de mau gosto sempre existem, mas em relação ao vôlei sentado elas não influenciaram. Até porque nessa época eu também não conhecia modalidade.

6. Você tem alguma experiência anterior em esportes ou atividades físicas antes de se envolver no vôlei sentado?

Não, o vôlei sentado foi o primeiro contato com um esporte em que eu realmente tive interesse de continuar praticando.

6.3 CATEGORIA 3 - CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE A PARTIR DO VOLEI SENTADO

A trajetória da entrevistada no vôlei sentado é uma narrativa rica em autodescoberta, superação e evolução. Descobrir esse esporte durante seus anos de faculdade de fisioterapia foi um ponto de virada inesperado, catalisado pelo convite de uma atleta da seleção. O que inicialmente começou como uma busca por uma atividade física agradável rapidamente se transformou em uma paixão pelo vôlei sentado.

A entrada na quadra pela primeira vez foi marcada por uma sensação inicial de timidez, mas a gradual imersão no esporte despertou um amor genuíno pelo vôlei e pelos esportes em geral. A experiência não só a fez se reconhecer como atleta, mas também a apaixonar-se pela dinâmica do jogo e pela cultura esportiva.

Quanto ao reconhecimento de seu potencial no vôlei sentado, a entrevistada demonstra uma humildade notável. Ela não identifica um momento específico em que percebeu seu destaque, mas destaca a constante busca pela melhoria, tanto dentro quanto fora da quadra. Apesar de admitir que sua introdução ao esporte foi na fase adulta, sem experiência anterior em outras práticas esportivas, a entrevistada encara o vôlei sentado como um processo contínuo de estudo, adaptação e aprendizado. A aceitação das dificuldades como parte integrante do processo de crescimento é evidente em suas respostas.

A influência do vôlei sentado vai além das linhas da quadra, permeando sua vida cotidiana. A prática do esporte não apenas aprimorou suas habilidades físicas, mas também influenciou positivamente sua autoestima, confiança e a maneira como ela se percebe socialmente.

Segundo Duarte e Werner (1995 apud Martins; Neves, 2022), o esporte adaptado é reconhecido como um meio significativo de reabilitação física, mental e social para indivíduos com deficiência. Essas pessoas têm a oportunidade de experimentar sensações e movimentos cruciais para aprimorar seu desempenho físico, lidar com doenças e superar as limitações impostas pela deficiência.

Quanto ao futuro, a entrevistada deixa claro que estará sempre em busca de se aprimorar, mantendo uma perspectiva positiva e aberta às possibilidades que o vôlei sentado pode oferecer. Ao abordar a importância do esporte adaptado na promoção da inclusão e conscientização sobre as pessoas com deficiência, a entrevistada ressalta a necessidade de maior acessibilidade ao esporte para todas as pessoas com deficiência, uma vez que sua própria jornada revela a limitação de acesso na infância.

Por isso, é crucial evidenciar que o esporte adaptado desempenha um papel fundamental na promoção de atividades inclusivas, tanto no âmbito dos currículos escolares de Educação Física quanto fora das instituições de ensino, proporcionando uma variedade de ferramentas para alcançar esse objetivo de maneira eficaz. Ao entrar em contato com o esporte adaptado, os alunos sem deficiência têm a oportunidade de se colocar na perspectiva de seus colegas, compreendendo, por meio da prática, as dificuldades enfrentadas. Nesse contexto, valores como respeito, colaboração e amizade ganham destaque, e ao serem originados dessa experiência, os alunos podem transmitir esse conhecimento a outras pessoas sem deficiência. Isso contribui para a redução de conotações negativas no convívio social, conforme destacado por Belousov (2016 apud Martins; Neves, 2022).

Ao considerar a construção da corporeidade enquanto atleta, a entrevistada revela que a prática do vôlei sentado não se limita apenas à reabilitação física, mas transcende para outras esferas. Ela menciona a evolução em habilidades, autoconhecimento e autoestima, indicando que a experiência esportiva impactou positivamente sua relação consigo mesma para além do aspecto físico.

Diante disso, é plausível sugerir que a entrevistada não apenas se reconhece como atleta no vôlei sentado, mas também busca uma construção mais abrangente da corporeidade enquanto atleta, incorporando aspectos de convivência social e performance. Sua narrativa reflete uma jornada de autodescoberta e superação, onde o vôlei sentado não é apenas um meio de reabilitação, mas uma plataforma para a expressão atlética, inclusão social e afirmação pessoal. Essa perspectiva alarga o sentido do vôlei sentado, transformando-o em uma experiência integral que vai além das fronteiras da quadra.

A construção da biografia como jogadora de vôlei sentado reflete uma transformação significativa em relação ao corpo e à identidade da entrevistada. Inicialmente introduzida pelo prisma da fisioterapia, a prática esportiva proporcionou não apenas mudanças físicas notáveis, mas também um novo entendimento sobre o autocuidado, evolução em habilidades e uma visão mais positiva da própria imagem.

Por fim, ao aconselhar outras pessoas com deficiência interessadas em se envolver no esporte, a entrevistada ressalta a importância de começar, experimentar e encontrar um esporte de interesse. Seu conselho reflete não apenas a paixão pelo vôlei sentado, mas também a crença fundamental de que o esporte é uma jornada acessível e enriquecedora para todos, independentemente das circunstâncias.

ENTREVISTA TRANSCRITA

Realizada em 17 e 19 de Novembro de 2023

Obs: Houve interrupção na entrevista por alguns imprevistos.

Identificação: W.G.R.S

32 anos

1. Como você descobriu o vôlei sentado e o que te atraiu para esse esporte?

Eu tava no segundo ou terceiro período da faculdade de fisioterapia em busca de uma atividade física que eu realmente gostasse. Em um dia de aula prática, uma das atletas da seleção e conhecida do professor que iria ministrar a aula apareceu para assistir e em um momento no meio da prática de um exercício a minha deficiência ficou um pouco mais aparente e o professor pediu licença para me colocar como exemplo durante a aula. Assim que surgiu a oportunidade, ela me convidou para conhecer o vôlei sentado e desde então estou por lá.

2. Quem foi a pessoa ou o que motivou você a experimentar o vôlei sentado pela primeira vez?

Acho que a resposta da número 1 já responde aqui também, né? Eu fui experimentar o vôlei sentado a convite de uma das atletas, mas eu acredito que o que realmente me motivou foi a vontade de experimentar algo novo e a possibilidade de gostar de alguma atividade física.

3. Pode compartilhar seus sentimentos e pensamentos nos primeiros momentos que você entrou em uma quadra de vôlei sentado?

Eu nunca fui do esporte, eu acho que inicialmente eu fiquei meio perdida e tímida, mas aos poucos foi fluindo e eu fui me apaixonando pelo vôlei e por esporte de um modo geral.

4. Existe um momento específico em que você percebeu que tinha potencial para se destacar no vôlei sentado?

Na realidade, não, mas estou sempre em busca da minha melhor versão, dentro e fora de quadra.

5. Durante a sua jornada no vôlei sentado, você já enfrentou momentos difíceis ou pensou em desistir? Se sim, o que a motivou a continuar?

Eu acho que assim como na vida, no esporte a gente também tem altos e baixos e acredito que o que me motiva a continuar é a vontade de estar sempre evoluindo.

6. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou enquanto se desenvolvia como jogadora de vôlei sentado?

Eu conheci o vôlei sentado já na fase adulta e sem ter praticado nenhum outro esporte antes. Então tá sendo um processo de estudos, adaptações e aprendizado.

7. Como o vôlei sentado impactou outras áreas da sua vida fora do esporte, como relacionamentos e sua percepção de si mesma?

Acredito que ao desenvolver novas habilidades, encarar novos desafios, melhorar a coordenação motora e a consciência corporal, através dos treinamentos, traz junto um olhar mais cuidadoso para nós mesmos e, conseqüentemente, melhora a autoconfiança.

8. Quais são seus objetivos e planos futuros no vôlei sentado?

O futuro a Deus pertence, né? Mas uma coisa é fato, estarei sempre buscando ser cada dia melhor.

9. Como a prática do vôlei sentado influenciou sua autoestima e confiança?

Acho que eu respondi um pouquinho dessa na questão 7, né? Mas vamos lá. Eu acredito muito no processo. Acho que a autoconfiança vem junto com o ganho de habilidades, a melhora da coordenação motora, o autoconhecimento e a autoestima acompanha tudo isso.

Além do fato de eu estar fazendo algo que eu nunca imaginei fazer e chegando onde eu nunca imaginei chegar, principalmente para alguém que nem gostava de esporte.

10. Como você vê o papel do esporte adaptado na promoção da inclusão e conscientização sobre as pessoas com deficiência?

Esporte é vida, né? É saúde, física e mental. Acredito que o esporte adaptado deveria ser acessível a todas as pessoas com deficiência, mas, infelizmente, essa não é uma realidade. Eu, por exemplo, só tive acesso a ele depois de adulta, mesmo sendo deficiente desde a infância.

Ele mostra ao PCD, mas principalmente à sociedade, que nós somos capazes de qualquer coisa que quisermos, independente das nossas condições. Somos pessoas antes da deficiência.

11. Como foi sua jornada ao longo do tempo na construção de sua biografia como jogadora de vôlei sentado com deficiência, e de que maneira sua experiência esportiva influenciou a construção de seu corpo e identidade como atleta?

A minha jornada no vôlei sentado começou com algo que me acompanhou a vida toda, a fisioterapia, mas dessa vez como acadêmica e não como paciente. Eu iniciei a prática esportiva em uma época que eu buscava por uma atividade física que me fizesse movimentar o corpo, mas que ao mesmo tempo fosse gostoso de praticar. E para minha surpresa eu realmente gostei, e nesse caso a mudança em relação ao meu corpo foi gigante, afinal eu nunca tinha praticado esporte nenhum. Aos poucos eu vi meu corpo se transformando, eu fui me adaptando, me moldando à prática desse esporte, aprendendo a gostar de me exercitar além do vôlei.

Com isso ganhando força, mobilidade, flexibilidade, condicionamento físico, qualidade de vida. Entendendo que o autocuidado é importante em qualquer etapa da vida, evoluindo em habilidades, autoconhecimento e autoestima.

12. Qual conselho você daria a outras pessoas com deficiência que estão interessadas em se envolver no esporte?

Comece! Se encaixe, busque um esporte do seu interesse e não perca tempo.

Experimente!

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões apresentadas, entendemos que a pesquisa nos permitiu responder a pergunta problema que foi “Como ocorreu a construção da corporeidade e a influência do vôlei sentado na ressignificação do corpo da atleta no meio social?”.

Portanto a trajetória da atleta revela uma notável interseção entre sua vivência na fisioterapia durante a infância e o impacto transformador do vôlei sentado em sua vida. A fisioterapia, inicialmente encarada como uma obrigação desempenhou um papel crucial ao fornecer os primeiros cuidados e orientações para lidar com sua deficiência. O engajamento constante nessa prática terapêutica, incentivado pelos pais, moldou-se como base para a compreensão da importância do autocuidado e da disciplina na manutenção da saúde física.

A transição para a fase adulta trouxe consigo a busca por uma atividade física prazerosa, culminando na descoberta do vôlei sentado durante os estudos em fisioterapia. Essa conexão entre a fisioterapia e o esporte adaptado foi de certa forma, uma continuidade natural do cuidado com o corpo. O vôlei sentado, ao se entrelaçar com a expertise adquirida na fisioterapia, não apenas ofereceu uma prática esportiva, mas também se revelou como um meio de transcender as limitações percebidas e ressignificar a relação do atleta com seu próprio corpo.

A jornada da atleta na construção de sua biografia como jogadora de vôlei sentado é marcada por uma evolução notável é profundamente enraizada na conscientização corporal promovida pela fisioterapia e aprimorada pelo comprometimento e paixão pelo esporte, revelando a sinergia única entre cuidados terapêuticos e atividade física na construção de uma corporeidade significativa e empoderada. A prática esportiva não proporcionou apenas mudanças físicas, como força, mobilidade e flexibilidade, mas também influenciou aspectos emocionais e mentais, incluindo o autocuidado e a valorização do próprio corpo. A experiência no vôlei sentado tornou-se um aperfeiçoamento para o desenvolvimento de habilidades, autoconhecimento e autoestima, consolidando-se como uma parte integrante da construção da identidade do atleta.

Por fim, a construção da corporeidade dessa entrevistada é uma narrativa rica em autodescoberta, superação e evolução. Sua vida pessoal, infância e trajetória atlética convergem para destacar a importância da inclusão, da aceitação das diferenças e do poder transformador do esporte na construção de uma identidade positiva e integrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lígia Assunção. *Pensar a diferença/deficiência* Brasília: CORDE, 1994.

ANDRÉ, Marli. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação?. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

BARBOSA, Luciane M. M. GUEDES, Denyse M. SOFIATO, Cássia G. CARDOSO, João C. Braille e suas peculiaridades no ensino das pessoas com deficiência visual. *Revista Educação em Foco* –Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol. 27, FluxoContínuo, 2022.

BARBOSA, Maria R.; MATOS, Paula M.; COSTA, Maria E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia e Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24-34. 2011.

BARRETO, Dagmar B. M. *A Carne Marcada: Reflexões acerca da corporeidade da pessoa portadora de deficiência*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999

BENFICA, Dallila Tâmara. *Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência*. Viçosa Minas Gerais – brasil 2012

BRASIL. *Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999*. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. Brasília, DF, 1999.

CARVALHO, Camila L. GORLA, José I. ARAÚJO, Paulo F. Voleibol sentado: do conhecimento a iniciação da prática. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 97-126, abr./jun. 2013.

CORREIA, Paulo Murilo Correia. *Esporte adaptado como ferramenta educacional na conscientização sobre a deficiência: Estudo de caso com estudantes do ensino fundamental*. Florianópolis 2019

COSTA, Prof. Dr. António. Fenomenologia e subjetividade. Análise fenomenológica do conhecimento: representacionismo versus antirrepresentacionismo. *Revista Estudos Filosóficos* nº 13/2014 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967
<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

DAOLIO, Jocimar. RIGONI, Ana Caroline C. ROBLE, Odilon J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. *Pro-Posições* | v. 23, n. 3 (69) | p. 179-193 | set./dez. 2012

EPIPHANIO, Erika Hofling. SILVA, Emanuella Matos. BATISTA, Roseana Pacheco Reis . AQUINO, Sonha Maria Coelho. O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão fenomenológica. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, Brasília, v.7, nº 1, maio 2017.

FERNANDES, Paula C. d. S. DENARI, Fatima E. Pessoas com deficiência: Estigma e Identidade. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 26, n. 50, p. 77-89, set./dez. 2017

FERREIRA, Maria E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Ciênc. cogn.* vol.15 no.3 Rio de Janeiro dez. 2010. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, São Paulo, Brasil

FRANÇA, Tiago H. *Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para emancipação social*. Doutorando em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo – pela Universidade de Coimbra, Portugal. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.17 n.31, p.59-73, jul./dez. 2013.

GIOIA, Fernanda M. SILVA, Paula F. R. d. BARBOSA Erik G. O Voleibol Sentado: uma reflexão bibliográfica e histórica. <http://www.efdeportes.com/> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 13 - Nº 125 - Octubre de 2008.

GOMES, Ana Gélica Alves. A concepção de subjetividade na “fenomenologia da percepção”. *Universidade Federal da Paraíba*, UFPB. 23-Fev-2021.

GONZAGA, Raqueline Trindade. *Qualidade de Vida de Atletas de Voleibol*. Trabalho de conclusão de curso. BÉLEM – PA, 2022.

GRUBANO, Everson Cardoso. *O esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Jul-2014.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS*, 2., A Pesquisa qualitativa em debate, Bauru, 2004. Anais..., Bauru, SP: SIPEQ, 2004. 1 CD.

MARTINS, Samara Patricia Menezes. NEVES, Stephani da Silva Neves. Contribuições do paradesporto para a saúde mental de atletas com deficiência. *Repositório Universitário da Ânima (RUNA)*. Artigo Científico. 2022-06-26.

MIGUEL, Felipe d. O. As representações sociais e subjetividades: O corpo das pessoas com deficiências. *Revista Saberes e Sabores Educacionais*. Vol 9, 2022.

MONTEIRO, Alessandra A. *Corporeidade e Educação Física: Histórias que não se contam na escola!*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2009.

NUNES, Ginete Cavalcante. NASCIMENTO, Maria Cristina D. LUZ, Maria Aparecida C. A. Pesquisa Científica: Conceitos Básicos. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*. - ISSN 1981-1179. Ano 10, No. 29. Fevereiro/2016.

PEREIRA, Jaquelline de A. SARAIVA, Joseana M. Trajetória histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social. *SER Social*, Brasília, v. 19, n. 40, p. 168-185, jan.-jun./2017.

PORTO, Dra. Eliene. SIMÕES, Dra. Regina. MOREIRA, Dr. Wagner Wey. CORPOREIDADE E AÇÃO PROFISSIONAL NA REABILITAÇÃO: (DES)ENCONTROS. Núcleo Corporeidade e Pedagogia do Movimento – Nucorpo Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 101-116, maio 2004.

RODRIGUES, Ana P. N. LIMA, Cláudia A. d. A história da pessoa com deficiência e da educação especial em tempos de inclusão. *Revista interterritórios*. Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, BRASIL V.3 N.5 [2017].

RODRIGUES, Camil M. Deficiência Física: O poder da alteridade social e o empoderamento do indivíduo. *Criar Educação*, Criciúma, v. 8, nº2, ago/dez 2019 –PPGE –UNESC -ISSN 2317-2452

RODRIGUES, Olga M. P. R; CAPELLINI, Vera L. M. F; SANTOS, Danielle A. do N; *Fundamentos históricos e conceituais da Educação Especial e inclusiva: reflexões para o cotidiano escolar no contexto da diversidade*. Texto 02 - D01 - semana 03 - Unesp/RedeFor II - 1ª edição - curso de Especialização em Educação Especial. 24-Mar-2014.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro. *Voleibol Sentado: uma revisão da literatura*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, 2017.

SILVA, J. C. *O protagonismo da pessoa com deficiência física*. São Paulo: Editora Y, 2019.

SILVA, Maria D. D. da. *Mulheres com Deficiência: Corporeidades e Experiências com a Dor no Voleibol Sentado*. Tese submetida ao Programa de PósGraduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). BRASÍLIA – DF 2022.

SILVA, Luciene M. d. A deficiência como expressão da diferença. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44. p. 111-133. dez. 2006.

SOARES, Maria G. KANEKO, Glaucia L. GLEYSE, Jacques. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. *Dilectiké*, 2015, 3 (2), pp.66-75. ff10.15628/dialektike.2015.3725ff. fhal-01334283f.

SOUSA, Joana Belarmino. O QUE PERCEBEMOS QUANDO NÃO VEMOS?. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 179-184, Jan./Abr. 2009. Acesso em: 03 de junho de 2023.

SPINDOLA, Thelma, SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 37 (2). Jun 2003.

TUMELERO, Náina. *Pesquisa Descritiva: conceito, características e aplicação*. Blog Mettzer, 2018. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-descritiva/>

VERNAGLIA, Prof Dr Taís Veronica C. *Pesquisa Qualitativa*. *Educapes*. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581071/4/Pesquisa%20Qualitativa.pdf>

SILVA, Érica Nunes Cavalcante d. (M)EU CORPO: A subjetivação na corporeidade deficiente. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Monografia. Brasília - DF Novembro/2013.

DUTRA, C. P. Inclusão. Educação Especial, Brasília, v.4, n.1, p.1-61, jan./jun. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde (1993). Coordenação de Atenção a Grupos Especiais. Programas de Atenção à Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência. Atenção à Pessoa Portadora de Deficiência no Sistema Único de Saúde: planejamento e organização de serviços. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde

CARDOSO, Vinícius Denardin. PALMA, Luciana Erina. ZANELLA, Ângela Kemel. A motivação de pessoas com deficiência para a prática do esporte adaptado. Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - N° 146 - Julio de 2010. Disponível em:
<https://www.efdeportes.com/efd146/a-motivacao-para-esporte-adaptado.htm>

APÊNDICES

Apêndice A- Roteiro para entrevista

Roteiro para Entrevistas

Metadados e orientações

Nome do entrevistado: Wilma G. R. S.

Nome dos pesquisadores presentes: Luana Caroline D. Silva

Data da entrevista: 18/11/2023 Local da entrevista: Foi via Audio por WPP.

Contato inicial:

Agradecer pela disponibilidade em receber o (s) pesquisador (es).

Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.

Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.

Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.

Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.

Procedimentos iniciais:

Preparar o gravador.

Iniciar a gravação.

Questões para entrevista

Observação: Os textos em itálico se referem aos objetivos de cada questão.

1. Categoria Dados – Caracterizar o Sujeito:

Dados Pessoais

- *Nome e Sobrenome?*
- *Qual sua idade?*
- *Você é formada em alguma área? Se sim, em que?*
- *Qual é a sua profissão atual e como sua deficiência impacta sua carreira?*
- *Qual é a sua etnia?*
- *Onde você nasceu*

Dados Familiares

- *Você é casada ou tem algum relacionamento?*
- *Tem filhos? Se sim, quantos e quais idades?*

Deficiência

- *Se você se sentir a vontade, gostaria de ouvir um pouco sobre sua experiência com sua deficiência. Como ela ocorreu e como isso afetou sua vida?*

2. Categoria – Construção da Corporeidade

- ✓ *A corporeidade pode ser conceituada como relação interpessoal entre um corpo para com outro corpo e de um mesmo corpo com o meio em que vive. Corporeidade, dentre vários aspectos, se insere no contexto do corpo em movimento, retomado pela idéia de que através do movimento pode-se situar no mundo.*
- *Durante sua infância, quais atividades físicas, como dança, jogos, brincadeiras, ou ginástica, você costumava praticar? Como essas experiências influenciaram sua relação com seu corpo?*
- *Poderia compartilhar sua experiência na aula de educação física durante a infância ou adolescência? Houve momentos desafiadores ou positivos? Como isso impactou sua autoimagem e seu interesse pelo esporte?*
- *Como você lidou com a sua deficiência na escola, em particular, durante as aulas de educação física? Você se sentiu apoiada pelos seus colegas e professores?*
- *Você acha que a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física e nos esportes é adequada e bem administrada nas escolas hoje em dia? Por quê?*
- *Qual mensagem você gostaria de transmitir às escolas e educadores sobre como melhor apoiar os alunos com deficiência em relação à educação física e ao esporte?*
- *Nos espaços informais, como brincadeiras de rua e interações com amigos, como sua corporeidade (e a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo)? Houve algum momento marcante que influenciou sua trajetória esportiva?*
- *À medida que você crescia, como sua relação com seu corpo evoluiu da infância para a adolescência e, posteriormente, para a idade adulta?*
- *Você enfrentou desafios ou preconceitos relacionados à sua deficiência ao longo de sua jornada? Como isso impactou sua determinação de se envolver no vôlei sentado?*
- *Você acredita que a sua experiência na aula de educação física contribuiu de alguma forma para a sua jornada no vôlei sentado? Como isso influenciou sua perspectiva sobre o esporte?*
- *Você tem alguma experiência anterior em esportes ou atividades físicas antes de se envolver no vôlei sentado?*

3. Categoria - Construção da corporiedade a partir do vôlei sentado?

- *Como você descobriu o vôlei sentado e o que te atraiu para esse esporte?*

- *Quem foi a pessoa ou o que motivou você a experimentar o vôlei sentado pela primeira vez?*
- *Pode compartilhar seus sentimentos e pensamentos nos primeiros momentos que você entrou em uma quadra de vôlei sentado?*
- *Existe um momento específico em que você percebeu que tinha potencial para se destacar no vôlei sentado?*
- *Durante a sua jornada no vôlei sentado, você já enfrentou momentos difíceis ou pensou em desistir? Se sim, o que a motivou a continuar?*
- *Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou enquanto se desenvolvia como jogadora de vôlei sentado?*
- *Como o vôlei sentado impactou outras áreas da sua vida fora do esporte, como relacionamentos e sua percepção de si mesma?*
- *Quais são seus objetivos e planos futuros no vôlei sentado?*
- *Como você lida com desafios físicos ou obstáculos específicos durante os treinos e competições no vôlei sentado?*
- *Como a prática do vôlei sentado influenciou sua autoestima e confiança?*
- *Como você vê o papel do esporte adaptado na promoção da inclusão e conscientização sobre as pessoas com deficiência?*
- *Como foi sua jornada ao longo do tempo na construção de sua biografia como jogadora de vôlei sentado com deficiência, e de que maneira sua experiência esportiva influenciou a construção de seu corpo e identidade como atleta?*
- *Você pode compartilhar alguma experiência ou jogo memorável que tenha tido no vôlei sentado que tenha tido um impacto significativo em sua carreira esportiva?*
- *Qual conselho você daria a outras pessoas com deficiência que estão interessadas em se envolver no esporte?*

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

-
- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
 - Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com o pesquisador.

Tema: VOLEIBOL SENTADO RESIGNIFICANDO O SENTIDO DA CORPOREIDADE E NOVAS PERSPECTIVAS CORPORAIS:

Um estudo de caso

Delimitação do Tema: Investigar a trajetória de vida e a prática do voleibol sentado de uma mulher com deficiência, analisando como sua biografia de movimento se constituiu ao longo do tempo e examinando os efeitos dessa prática esportiva na construção de seu corpo e nas novas perspectivas corporais alcançadas.

Problema: Como é a construção da corporeidade e a influência do vôlei sentado na resignificação do corpo da atleta no meio social?

Objetivo: Analisar a constituição da corporeidade de uma mulher com deficiência que atualmente é jogadora de vôlei sentado.

Questões para entrevista

VOLEIBOL SENTADO RESSIGNIFICANDO O SENTIDO DA CORPOREIDADE E NOVAS PERSPECTIVAS CORPORAIS:

Um estudo de caso

1. Categoria Dados – Caracterizar o Sujeito:

Dados Pessoais:

1. Nome Completo?

Wilma Grazielly Rodrigues de Sousa

2. Qual sua idade?

32

3. Qual sua etnia?

4. Onde você nasceu?

Anápolis – Go

5. Você é casada?

Não

6. Tem filhos? Se sim, quantos e quais idades?

Não

7. Qual é sua profissão atual?

Fisioterapeuta

8. Qual é sua deficiência? E como ela é caracterizada?

Hemiplegia. Deficiência Física.

Obs: Essas questões foram respondida via formulário Google .

2. Categoria – Construção da Corporeidade na educação física escolar e demais espaços não formais

- 7. Durante sua infância, quais atividades físicas, como dança, jogos, brincadeiras, ou ginástica, você costumava praticar? Como essas experiências influenciaram sua relação com seu corpo?**

Eu nunca gostei muito de atividades físicas, nunca me encaixei muito bem nelas. Sempre fui uma criança mais quieta, gostava muito de leitura e TV, então a única atividade que eu realmente

fazia com mais frequência e por obrigação era na fisioterapia e sem pensar muito nessa influência sobre o meu corpo.

8. Poderia compartilhar sua experiência na aula de educação física durante a infância ou adolescência? Houve momentos desafiadores ou positivos? Como isso impactou sua autoimagem e seu interesse pelo esporte?

As aulas de Educação Física nunca despertaram em mim nenhum tipo de interesse esportivo. Eu acredito que os profissionais da época não estavam bem preparados para lidar com a minha deficiência ou até mesmo não me enxergavam como PCD. E, dessa forma, eles não compreendiam as minhas dificuldades em relação às atividades que normalmente eram praticadas durante as aulas.

9. Como você lidou com a sua deficiência na escola, em particular, durante as aulas de educação física? Você se sentiu apoiada pelos seus colegas e professores?

Acho que, da maneira deles e com a falta de experiência em lidar com a pessoa com deficiência, eles, de certa forma, acreditavam que estavam me apoiando. E para a obtenção de nota em Educação Física, em alguns momentos do meu período escolar, eu fazia trabalhos escritos.

10. A medida que você crescia, como sua relação com seu corpo evoluiu da infância para a adolescência e, posteriormente, para a idade adulta?

Como eu disse na questão 1, eu sempre fui uma criança mais quieta, né?

Então, eu não tive muita essa questão de brincadeira de rua, de me relacionar com outras crianças durante a infância fora do ambiente escolar.

A minha evolução física tá completamente voltada à disciplina durante o tratamento fisioterapêutico e os meus pais me cobravam bastante a manutenção dos exercícios em casa.

É claro que eu passei por fases de insegurança relacionada à minha deficiência, principalmente na transição de infância para adolescência, até chegar na fase adulta e com ela o autoconhecimento sobre quem e como eu sou

11. Você enfrentou desafios ou preconceitos relacionados à sua deficiência ao longo de sua jornada? Como isso impactou sua determinação de se envolver no vôlei sentado?

Brincadeiras e piadinhas de mau gosto sempre existem, mas em relação ao vôlei sentado elas não influenciaram. Até porque nessa época eu também não conhecia modalidade.

12. Você tem alguma experiência anterior em esportes ou atividades físicas antes de se envolver no vôlei sentado?

Não, o vôlei sentado foi o primeiro contato com um esporte em que eu realmente tive interesse de continuar praticando.

3. Categoria - Construção da corporeidade a partir do vôlei sentado?

13. Como você descobriu o vôlei sentado e o que te atraiu para esse esporte?

Eu tava no segundo ou terceiro período da faculdade de fisioterapia em busca de uma atividade física que eu realmente gostasse. Em um dia de aula prática, uma das atletas da seleção e conhecida do professor que iria ministrar a aula apareceu para assistir e em um momento no meio da prática de um exercício a minha deficiência ficou um pouco mais aparente e o professor pediu licença para me colocar como exemplo durante a aula. Assim que surgiu a oportunidade, ela me convidou para conhecer o vôlei sentado e desde então estou por lá.

14. Quem foi a pessoa ou o que motivou você a experimentar o vôlei sentado pela primeira vez?

Acho que a resposta da número 1 já responde aqui também, né? Eu fui experimentar o vôlei sentado a convite de uma das atletas, mas eu acredito que o que realmente me motivou foi a vontade de experimentar algo novo e a possibilidade de gostar de alguma atividade física.

15. Pode compartilhar seus sentimentos e pensamentos nos primeiros momentos que você entrou em uma quadra de vôlei sentado?

Eu nunca fui do esporte, eu acho que inicialmente eu fiquei meio perdida e tímida, mas aos poucos foi fluindo e eu fui me apaixonando pelo vôlei e por esporte de um modo geral.

16. Existe um momento específico em que você percebeu que tinha potencial para se destacar no vôlei sentado?

Na realidade, não, mas estou sempre em busca da minha melhor versão, dentro e fora de quadra.

17. Durante a sua jornada no vôlei sentado, você já enfrentou momentos difíceis ou pensou em desistir? Se sim, o que a motivou a continuar?

Eu acho que assim como na vida, no esporte a gente também tem altos e baixos e acredito que o que me motiva a continuar é a vontade de estar sempre evoluindo.

18. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou enquanto se desenvolvia como jogadora de vôlei sentado?

Eu conheci o vôlei sentado já na fase adulta e sem ter praticado nenhum outro esporte antes. Então tá sendo um processo de estudos, adaptações e aprendizado.

19. Como o vôlei sentado impactou outras áreas da sua vida fora do esporte, como relacionamentos e sua percepção de si mesma?

Acredito que ao desenvolver novas habilidades, encarar novos desafios, melhorar a coordenação motora e a consciência corporal, através dos treinamentos, traz junto um olhar mais cuidadoso para nós mesmos e, conseqüentemente, melhora a autoconfiança.

20. Quais são seus objetivos e planos futuros no vôlei sentado?

O futuro a Deus pertence, né? Mas uma coisa é fato, estarei sempre buscando ser cada dia melhor.

21. Como a prática do vôlei sentado influenciou sua autoestima e confiança?

Acho que eu respondi um pouquinho dessa na questão 7, né? Mas vamos lá. Eu acredito muito no processo. Acho que a autoconfiança vem junto com o ganho de habilidades, a melhora da coordenação motora, o autoconhecimento e a autoestima acompanha tudo isso.

Além do fato de eu estar fazendo algo que eu nunca imaginei fazer e chegando onde eu nunca imaginei chegar, principalmente para alguém que nem gostava de esporte.

22. Como você vê o papel do esporte adaptado na promoção da inclusão e conscientização sobre as pessoas com deficiência?

Esporte é vida, né? É saúde, física e mental. Acredito que o esporte adaptado deveria ser acessível a todas as pessoas com deficiência, mas, infelizmente, essa não é uma realidade. Eu, por exemplo, só tive acesso a ele depois de adulta, mesmo sendo deficiente desde a infância.

Ele mostra ao PCD, mas principalmente à sociedade, que nós somos capazes de qualquer coisa

que quisermos, independente das nossas condições. Somos pessoas antes da deficiência.

23. Como foi sua jornada ao longo do tempo na construção de sua biografia como jogadora de vôlei sentado com deficiência, e de que maneira sua experiência esportiva influenciou a construção de seu corpo e identidade como atleta?

A minha jornada no vôlei sentado começou com algo que me acompanhou a vida toda, a fisioterapia, mas dessa vez como acadêmica e não como paciente. Eu iniciei a prática esportiva em uma época que eu buscava por uma atividade física que me fizesse movimentar o corpo, mas que ao mesmo tempo fosse gostoso de praticar. E para minha surpresa eu realmente gostei, e nesse caso a mudança em relação ao meu corpo foi gigante, afinal eu nunca tinha praticado esporte nenhum. Aos poucos eu vi meu corpo se transformando, eu fui me adaptando, me moldando à prática desse esporte, aprendendo a gostar de me exercitar além do vôlei.

Com isso ganhando força, mobilidade, flexibilidade, condicionamento físico, qualidade de vida. Entendendo que o autocuidado é importante em qualquer etapa da vida, evoluindo em habilidades, autoconhecimento e autoestima.

24. Qual conselho você daria a outras pessoas com deficiência que estão interessadas em se envolver no esporte?

Comece! Se encaixe, busque um esporte do seu interesse e não perca tempo. Experimente!